

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC GUILHERME FERREIRA BORGES

A CONTRAINTELIGÊNCIA E A DESINFORMAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA:
O caso da desinformação soviética e tchecoslovaca no Brasil na década de 1950 a meados da
década de 1960.

Rio de Janeiro

2023

CC GUILHERME FERREIRA BORGES

A CONTRAINTELIGÊNCIA E A DESINFORMAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA.

O caso da desinformação soviética e tchecoslovaca no Brasil na década de 1950 a meados da década de 1960.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Claudio Muniz Jobim

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2023

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela minha vida, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos que serviram como oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

À minha esposa, Paloma, por me proporcionar um refúgio, um lar. Preciso enaltecer por ser um raio de sol em dias cinzentos e um porto seguro em tempestades. Sem o seu amor diário e cuidados, seria impossível ultrapassar os desafios.

Aos meus filhos Guilherme e Júlia, pelo amor e por serem meu propósito. Vocês são a alegria da minha alma, meu combustível diário. Que eu consiga ser um exemplo a vocês.

À minha sogra, Maria da Conceição, pelo apoio irrestrito, disponibilidade e presença nos momentos difíceis. Certamente seu apoio foi fundamental.

Aos meus pais, Eliana e José Guilherme, que me ensinaram os valores morais, sou grato pelo exemplo, pela dedicação a minha formação e todo amor desprendido.

Aos meus amigos da turma CEMOS-2023, sem vocês teria sido muito mais difícil.

Ao meu orientador, CMG Jobim, agradeço pela orientação segura, motivadora e verdadeira.

“A História é um conjunto de mentiras sobre as
quais se chegou a um acordo.”
(Napoleão Bonaparte)

RESUMO

O objetivo dessa dissertação é analisar a atuação dos serviços secretos soviético e tchecoslovaco, no que tange a desinformação. Utilizando-se dos conceitos de contrainteligência e a desinformação, os quais estão intrinsecamente relacionados, pois ambos se referem a estratégias e táticas empregadas para influenciar e manipular informações e percepções, a pesquisa procura responder: Como a desinformação soviética no Brasil na década de 1950 e meados da década de 1960 impactaram no 31 de março de 1964? Verifica-se então, no contexto da Guerra Fria, que o tenente-coronel Ion Mihai Pacepa (1928-2021), oficial de inteligência romeno, apresenta um complemento ao conceito de desinformação, o qual coloca a opinião pública como mais um alvo, não apenas autoridades com poder de decisão ou elites políticas. Dentro destes conceitos de contrainteligência e desinformação, é possível observar a estrutura e organização do serviço secreto soviético, e os serviços secretos dos países aliados e satélites do bloco soviético, contanto com mais de um milhão de colaboradores ao redor do globo, motivados em disseminar desinformação. Todo esta organização tinha um único objetivo, derrotar o capitalismo para difundir o comunismo. Assim o principal inimigo era os Estados Unidos e seus aliados. Ainda neste contexto, a metodologia da disseminação da desinformação é apresentada com seus dois elementos-chave: fonte ocidental respeitável e “cerne de verdade”. Dentro deste método, a inteligência soviética utiliza a imprensa como principal canal difusor da desinformação, pois a mesma consegue amplitude consideravelmente grande e servia de registro histórico. Diante de todo esse processo, surge as relações entre operador, agente inconsciente e adversário. Após a atuação dos operadores, oficiais condutores dos serviços secretos, a desinformação é avaliada para se determinar sua efetividade e eficácia. Em última análise, a atuação do serviço secreto tchecoslovaco se instala no Brasil, a mando do serviço secreto soviético, para conduzir operações secretas de desinformação. Inicialmente os oficiais de inteligência são apresentados como agentes diplomáticos como o objetivo de manter aparências. Logo instalam seu núcleo, chamado *rezidentura*. A Central de inteligência tcheca, baseada em Praga, emite diretriz e os propósitos da *rezidentura* do Brasil. Diversas operações secretas são desencadeadas, com destaque para o recrutamento de autoridades brasileiras, para a desinformação sobre a participação militar dos Estados Unidos nos acontecimentos de março de 1964, no financiamento do jornal periódico O Semanário, na promoção de congresso para disseminar narrativas de apoio a Revolução Cubana e na influência e coleta de informações em diversas esferas de poder no Brasil. Neste íterim, verifica-se que é necessário expansão de pesquisa para abranger operações não relacionadas a desinformação. Portanto, as operações secretas de desinformação não foram suficientes para acelerar ou proporcionar os acontecimentos políticos de março de 1964.

Palavras-chave: Desinformação; Contrainteligência; Guerra Fria; Capitalismo; Comunismo; Imprensa; Operações Secretas; Brasil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DGI	-	<i>Dirección General de Inteligencia</i> – Serviço Secreto Cubano
DS	-	<i>Divèrny Styk</i> – Contato Secreto
EUA	-	Estados Unidos da América
FARC	-	Exército de Libertação Nacional da Colômbia
FNAC	-	Frente Nacional de Apoio à Cuba
IS	-	<i>Ideopolupracovnik</i> – Colaborador Ideológico
Jango	-	Alcunha do Presidente João Goulart
JK	-	Juscelino Kubitschek de Oliveira – Presidente do Brasil de 1956 a 1961.
KGB	-	<i>Komitet Gosudarstveno Bezopasnost</i> – em português significa Comitê de Segurança do Estado
KSC	-	Partido Comunista Tchecoslovaco
OAs	-	Operações ativas de desinformação
OLP	-	Organização para Libertação da Palestina
ONU	-	Organizações das Nações Unidas
PNI	-	Política Nacional de Inteligência
STASI	-	<i>Ministerium für Staatssicherheit</i> – Ministério para a Segurança do Estado da Alemanha Oriental
StB	-	<i>Státní bezpečnost</i> – Serviço Secreto de Inteligência Tchecoslovaco
URSS	-	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DEFINIÇÕES E CONSIDERAÇÕES	9
2.1	CONTRAINTELIGÊNCIA	9
2.2	DESINFORMAÇÃO A LUZ DO CONCEITO TRADICIONALISTA	12
2.3	DESINFORMAÇÃO A LUZ DO CONCEITO SOVIÉTICO.....	13
2.4	CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONTRAINTELIGÊNCIA E A DESINFORMAÇÃO.....	16
3	ESTRUTURA DA CONTRAINTELIGÊNCIA SOVIÉTICA E A DISSEMINAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO	17
3.1	ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO SERVIÇO SECRETO SOVIÉTICO	18
3.2	METODOLOGIA DE DISSEMINAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO	20
3.3	AVALIAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO	24
3.4	CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DE INTELIGÊNCIA SOVIÉTICA E A DISSEMINAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO	24
4	A DESINFORMAÇÃO DO SERVIÇO TCHECOSLOVACO NO BRASIL	25
4.1	O SERVIÇO SECRETO TCHECOSLOVACO NO BRASIL.....	28
4.1.1	Nomenclatura de agentes e colaboradores	30
4.1.2	Objetivos da StB no Brasil	32
4.1.3	Recrutamento de colaboradores brasileiros	33
4.2	OPERAÇÕES DA STB NO BRASIL	40
5	CONCLUSÃO	45
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

A contrainteligência e a desinformação têm relevância crucial em contextos políticos e de segurança. A contrainteligência busca combater a atividade de inteligência, impedindo atividades de espionagem e sabotagem de agentes estrangeiros e organizações hostis. Além disso, ela visa salvaguardar segredos e prevenir ameaças internas, detectando e combatendo a traição e a espionagem de indivíduos internos. Por outro lado, a desinformação é uma ferramenta poderosa usada em guerra política e psicológica. Até a Segunda Guerra Mundial, era utilizada para manipular as decisões de um agente político. Hoje ela pode influenciar a opinião pública, desestabilizar governos e criar divisões sociais. Pode também ser usada para influenciar assuntos internacionais e evitar conflitos diretos, substituindo-os por estratégias de manipulação e influência. Contudo, o uso irresponsável da desinformação pode ter consequências danosas, minando a confiança pública, disseminando mentiras e contribuindo para a polarização política.

Assim, é crucial equilibrar o uso dessas ferramentas com responsabilidade ética, transparência e busca pela verdade. Em suma, a contrainteligência busca proteger os interesses nacionais e segredos, enquanto a desinformação pode ser empregada para fins políticos e influência internacional. Ambas desempenham papéis importantes, mas é fundamental usá-las com ética e prudência para evitar danos à sociedade.

Ressaltando a importância da contrainteligência e desinformação, este trabalho tem a seguinte questão a ser respondida: Como a desinformação soviética no Brasil na década de 1950 e meados da década de 1960 impactaram no 31 de março de 1964? A fim de responder essa questão, este trabalho se divide em cinco capítulos: o primeiro capítulo é esta breve introdução ao trabalho; o segundo capítulo descreverá as definições de contrainteligência e desinformação, tal como algumas considerações sobre essas definições; o capítulo três apresentará a estrutura do serviço de contrainteligência soviética e tchecoslovaca, bem como o uso da desinformação; o capítulo quatro apresentará o *modus faciendi* da desinformação promovida pelo serviço secreto tchecoslovaco no Brasil; e finalmente, no quinto capítulo, apresentaremos as considerações finais, à luz do que foi analisado durante os capítulos anteriores deste trabalho.

A metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho foi estudo de um caso histórico, ou seja, estudo acerca das atividades desenvolvidas pelo serviço secreto tchecoslovaco, a mando do serviço secreto soviético, no Brasil, na década de 1950 e meados da década de 1960.

2 DEFINIÇÕES E CONSIDERAÇÕES

A contrainteligência e a desinformação são conceitos intrinsecamente relacionados, pois ambos se referem a estratégias e táticas empregadas para influenciar e manipular informações e percepções. Enquanto a contrainteligência busca prevenir, detectar, obstruir, neutralizar e frustrar atividades de inteligência adversárias (BRASIL, 2020), a desinformação é a manipulação planejada de informações, falsas e verdadeiras, para iludir ou confundir um centro decisor, visando induzi-lo a erro de avaliação (BRASIL, 2016). Contudo, segundo Pacepa (2015) a desinformação tem como propósito disseminar informações falsas ou enganosas para confundir, enganar, desacreditar e minar a opinião pública (PACEPA, 2015).

Dessa forma, este trabalho apresentará as definições e conceitos sobre contrainteligência e desinformação, no entanto, apresentando o conceito divergente de desinformação.

2.1 CONTRAINTELIGÊNCIA

A contrainteligência, inicialmente, foi criada para combater a atividade de inteligência. Sun Tzu¹ (2006) destaca a importância de conhecer a si e conhecer o inimigo antes de entrar em uma batalha. Ele discute a necessidade de avaliar cuidadosamente as condições do terreno, as capacidades próprias e do adversário, bem como as circunstâncias políticas e sociais. Essa ênfase na avaliação do inimigo e do ambiente estratégico pode ser relacionada indiretamente ao conceito de contrainteligência (TZU, 2006). Ou seja, esta abordagem denota que é preciso conhecer o inimigo para avaliar circunstâncias que

¹ Muito se comenta acerca da realidade da figura de Sun Tzu. Os estudiosos buscam validar a data e lugar em que ele nasceu, junto com outros aspectos ligados à sua biografia. No entanto, a presença inegável da obra "A Arte da Guerra" e sua marcante influência nas estratégias militares deixam evidente que alguém efetivamente existiu para conceber essa obra, e que esta é associada a uma pessoa reconhecida como Sun Tzu.

podem ofertar vantagens no campo de batalha, na estratégia ou em negociação diplomática, logo a contrainteligência se opõe a obtenção de conhecimento por parte do inimigo.

Ademais, Sun Tzu (2006) descreve a importância de obter informações de forma discreta. Ou seja, retrata a utilização de agentes e a necessidade de recrutar colaboradores bem colocados dentro das fileiras inimigas. A coleta de informações por meio de agentes e infiltrados poder ser considerada uma estratégia relacionada à contrainteligência. Indo além, Sun Tzu (2006) discorre sobre a importância de cultivar e proteger agentes, bem como a necessidade de obter informações precisas e confiáveis para tomar decisões estratégicas (TZU, 2006). Essa ênfase na obtenção de informações estratégicas e táticas por meio de agentes infiltrados pode ser interpretada como uma abordagem indireta da contrainteligência.

Semelhantemente, Maquiavel (2003) enfatiza a importância do conhecimento e da informação no exercício do poder político. Ele destaca a necessidade de um governante estar bem informado sobre as intenções e ações de seus adversários, bem como sobre as condições e as dinâmicas internas de seu próprio Estado. Argumenta que um governante deve ser astuto e capaz de discernir a verdade por trás das aparências, usando inteligência e perspicácia para obter informações precisas e confiáveis. Nesse sentido, pode-se argumentar que Maquiavel (2003) estava, de certa forma, discutindo indiretamente a importância da contrainteligência. Embora ele não tenha usado o termo especificamente, seus ensinamentos destacam a necessidade de os governantes serem vigilantes e cautelosos em relação aos seus inimigos, buscando obter informações que possam fornecer uma vantagem estratégica (MACHIARELLI, 2003).

Outrossim, Maquiavel (2003) também escreve sobre a importância de manter o segredo e proteger informações sensíveis. Adverte contra a imprudência de compartilhar informações sigilosas com pessoas não confiáveis ou de permitir que vazamentos de informações prejudiquem os interesses do Estado. Essa ênfase na segurança da informação pode ser considerada uma abordagem direta da contrainteligência, enquanto busca proteger a integridade das informações do Estado (MACHIARELLI, 2003).

Embora Maquiavel (2003) não tenha desenvolvido uma teoria ou estratégia explícita de contrainteligência, seus escritos fornecem perspectivas sobre a importância do conhecimento, da informação e da segurança na política e no governo. Esses princípios podem ser considerados relevantes para o campo da contrainteligência, no sentido de promover

a vigilância, a análise de informações e a proteção dos segredos do Estado. Também detalha a importância de proteger os segredos militares e evitar a traição dentro das próprias fileiras, oferecendo ensinamentos sobre como garantir a lealdade dos soldados, como manter a disciplina e como identificar e neutralizar possíveis traidores (MACHIAVELLI, 2007).

Dessa maneira, um dos ramos da contra-inteligência seria a atividade na qual impedimos o inimigo de conhecer ou obter conhecimento sobre determinados assuntos que possam fragilizar o status quo, ou seja, impedir o inimigo de obter vantagem mediante informações ditas sigilosas. Consoante a PNI do Brasil, a atividade de contra-inteligência é definida como: “atividade que objetiva prevenir, detectar, obstruir e neutralizar a Inteligência adversa e as ações que constituam ameaça à salvaguarda de dados, conhecimentos, pessoas, áreas e instalações de interesse da sociedade e do Estado” (BRASIL, 2016).

Uma vez que nos deparamos com a definição de atividade de contra-inteligência da PNI, ignoramos as definições assumidas em diferentes países em contextos históricos diversificados. Por conseguinte, a ideia maquiavélica de que os fins sempre justificam os meios vem a luz, pois existirá a necessidade de um governante agir de forma pragmática e adaptável às circunstâncias. Tal necessidade pode ser interpretada como uma abordagem que coloca maior importância nos resultados alcançados do que nos meios utilizados para alcançá-los (MACHIAVELLI, 2003).

Em suma, apesar das atividades de contra-inteligência e inteligência exigirem balizamento em pressuposto ético, pois “a adesão incondicional a essa premissa é o que a sociedade espera de seus dirigentes e servidores” (BRASIL, 2020), não se pode acreditar que todas as nações utilizam desse mesmo pressuposto. Dessa forma, a atividade de inteligência e contra-inteligência podem romper barreiras éticas de determinada sociedade na medida que se obtenha vantagens para autoridades, partidos, grupo político, facções, grupos de interesse, etc. No contexto desse trabalho, consideraremos que as atividades de inteligência e contra-inteligência são exclusivamente exercidas pelos estados, conforme o inciso 2.2 da PNI:

A Inteligência é atividade exclusiva de Estado e constitui instrumento de assessoramento de mais alto nível de seus sucessivos governos, naquilo que diga respeito aos interesses da sociedade brasileira. Deve atender precipuamente ao Estado, não se colocando a serviço de grupos, ideologias e objetivos mutáveis e sujeitos às conjunturas político-partidárias (BRASIL, 2016).

Se considerarmos a premissa que as atividades de inteligência e contrainteligência são exercidas apenas por Estados, podemos depreender que um Estado pode manipular a opinião pública e decisões governamentais de outro Estado através da desinformação. Dessa forma podemos considerar o tripé de Clausewitz: povo, política e militar (CLAUSEWITZ, 2010) e analisar para considerar um Estado desinformando outro para obter vantagem ou um Estado desinformando seu povo para guiá-lo a determinada vontade. Neste aspecto, definiremos e analisaremos o conceito de desinformação a seguir.

2.2 DESINFORMAÇÃO A LUZ DO CONCEITO TRADICIONALISTA

Ao longo da história, muitos países recorreram a diversas técnicas para enganar o inimigo e ocultar suas verdadeiras intenções durante tempos de guerra. Essas estratégias visavam confundir, desorientar e manipular o adversário, muitas vezes tendo impactos significativos nos desdobramentos dos conflitos. Um exemplo icônico é o famoso Cavalo de Troia, construído pelos gregos no segundo milênio a.C. para penetrar na inexpugnável cidade de Troia. Essa astuta tática permitiu que as forças gregas adentrassem a cidade inimiga e a conquistassem de dentro para fora (PACEPA, 2015).

Outrossim, outro exemplo é a operação elaborada pela inteligência britânica em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, conhecida como Operação Fortitude. Essa operação foi criada para fazer com que os alemães acreditassem que o desembarque das forças aliadas na Europa ocorreria em Calais, e não nas praias da Normandia, como era o plano real. A disseminação de informações falsas e a criação de cenários fictícios contribuíram para enganar os alemães e garantir o sucesso do Dia D (AMBROSE, 2007).

Certamente esses exemplos não esgotam os casos de desinformação, mas ilustram como essa ferramenta do engano tem sido empregada ao longo da história da guerra. Estratégias inteligentes, como o uso de informações falsas, encobrimento de intenções e manipulação de percepções, podem desempenhar um papel crucial no resultado dos conflitos, permitindo que os países atinjam seus objetivos de forma mais efetiva e com menor resistência do inimigo (PACEPA, 2015).

Dessa maneira, o conceito de desinformação constante na Doutrina Nacional de Atividade de Inteligência se apresenta na forma clássica: “A desinformação é a manipulação

planejada de informações, falsas e verdadeiras, para iludir ou confundir um centro decisor, visando induzi-lo a erro de avaliação” (BRASIL, 2016, p. 43).

2.3 DESINFORMAÇÃO A LUZ DO CONCEITO SOVIÉTICO

O antigo chefe do serviço de espionagem do regime comunista da Romênia, e também principal conselheiro do ditador Nicolae Ceaușescu², o Tenente-Coronel Ion Mihai Pacepa (2015) descreve os manuais de desinformação secretos que a "ciência" da desinformação teve origem na Rússia, estando profundamente enraizada no solo russo e em sua história, perpetuando-se indefinidamente. De acordo com esses manuais, a desinformação supostamente surgiu na Rússia do século XVIII, como resultado da relação entre Catarina, a Grande, e o Príncipe Grigory Potemkin, seu principal conselheiro político e militar. Em 1787, durante um passeio pela Crimeia, que Potemkin havia ajudado a anexar dos turcos quatro anos antes, ele impressionou a imperadora construindo falsas aldeias ao longo da rota por onde ela passaria. Uma dessas aldeias de fachada, chegou ao ponto de recepcionar a imperadora com um arco triunfal que dizia: "Este é o caminho para Constantinopla" (PACEPA, 2015).

Apesar de Potemkin utilizar do conceito clássico de desinformação, Pacepa (2015) coloca a desinformação além de uma simples informação falsa para iludir ou confundir um líder. Ele afirma que é uma guerra travada no campo das ideias. Uma guerra em que os serviços de inteligência desempenham um papel central, utilizando uma arma poderosa chamada desinformação. Essa arma visa disseminar informações depreciativas de forma credível, de modo a convencer os outros, pessoas ou nações, de que os alvos são verdadeiramente maus (PACEPA, 2015).

Primeiramente, para garantir a credibilidade das mentiras, são necessários dois elementos-chave. Primeiro, as informações fabricadas devem parecer originar-se de fontes ocidentais respeitáveis e confiáveis. Em segundo lugar, há a necessidade de um "cerne de verdade", por trás das alegações, para que pelo menos uma parte da notícia possa ser

² Foi um político romeno que serviu como Secretário-geral do Partido Comunista do seu país de 1965 a 1989, servindo também, a partir de 1974, como Presidente da República Socialista da Romênia. Seu governo ditatorial foi derrubado na Revolução de 1989.

verificada como verdadeira e para garantir que a difamação nunca possa ser silenciada (PACEPA, 2015).

Além dos dois elementos-chave, o originador das informações deve se esforçar para garantir que a história ganhe ampla publicidade. Se necessário, poder ser utilizados agentes ou simpatizantes com a causa³ para difundir a desinformação no Ocidente que dão o toque necessário a uma alegação. Dessa forma, a guerra é travada não apenas no campo de batalha físico, mas também no campo da informação, da ideologia e da percepção (BITTMAN, 2019).

Dessa forma, o uso estratégico da desinformação de Pacepa (2015), combinada com a manipulação de fontes aparentemente confiáveis e o aproveitamento de elementos de verdade, permite influenciar a opinião pública e alcançar os objetivos desejados. É uma batalha complexa e sofisticada, em que a narrativa e a persuasão desempenham papéis cruciais para moldar a percepção da realidade e obter vantagem estratégica (PACEPA, 2015). Dessa maneira, Pacepa (2015) define desinformação como a atividade cujo propósito é disseminar informações falsas ou enganosas para confundir, enganar, desacreditar e minar a opinião pública (PACEPA, 2015; BITTMAN, 2019)

Segundo a definição de desinformação de Pacepa (2015), a edição oficial da Grande Enciclopédia Soviética definiu desinformação como “a disseminação - na imprensa, no rádio, etc. - de informações falsas com a intenção de enganar a opinião pública”. No entanto, essa definição está levemente distorcida, pois a opinião pública é apenas um dos potenciais alvos. Muitos jogos de desinformação são concebidos apenas para manipular a elite tomadora de decisões, sem receberem publicidade alguma (BITTMAN, 2019).

Embora a desinformação tenha como um de seus alicerces o “cerne de verdade”, a definição acima demonstra o objetivo claro da desinformação em enganar a opinião pública. O objetivo em enganar a opinião pública é manipular o futuro e alterar a percepção do passado. Em específico, a ideia é fabricar um novo passado para alvos inimigos ou aliados, de modo a alterar a maneira como a opinião pública julga o passado. Fabricando um novo passado, as novas gerações estarão sujeitas a desinformação e formaram opinião com esta, se não houver contestação histórica, assim a URSS pode moldar as ideias no futuro (BITTMAN, 2019).

³ Aqui a palavra causa está no contexto de interesse coletivo a partir do qual um grupo se rege. E. g. um partido político, uma bandeira política, uma utopia, uma ideologia, um movimento da sociedade civil ou uma meta.

Em síntese, a manipulação das ideias no futuro utilizando o passado, segundo Pacepa (2015), é um método. No jargão da KGB⁴ esse método e prática de alterar a história das pessoas era conhecida como "enquadramento", e constituía uma especialidade secreta da desinformação. Devido a esses enquadramentos, tanto historiadores russos quanto ocidentais enfrentam imensas dificuldades em reconstruir precisamente o passado da Rússia e de alguns alvos do enquadramento (PACEPA, 2015).

Em primeira análise, os enquadramentos do Kremlin⁵ poderiam ser negativos, para gerar desprestígio, ou positivos, para gerar prestígio. De um modo ou outro, poderiam afetar diretamente o curso da história. Pessoas admiráveis do Ocidente foram difamadas ou "enquadradas" como criminosas, ao passo que personagens criminosamente indignos pertencentes à esfera de influência soviética/russa foram retratados ou "enquadrados" como santos (PACEPA, 2015; BITTMAN, 2019).

Como exemplo de um desses enquadramentos podemos mencionar a história de Ernesto Che Guevara de la Serna, ou só Che Guevara, herói da Revolução Cubana. Khrushchev⁶ queria entrar para a história como o líder soviético que exportou o comunismo para o continente americano. Em 1967, Che Guevara foi executado na Bolívia, após falhar ao tentar iniciar uma guerra de guerrilha no país. Essa morte não passou despercebida pelo processo da desinformação (MACHOVER, 2008; PACEPA, 2015).

Outrossim, Che Guevara passou pelo enquadramento positivo, alçando um guerrilheiro revolucionário que fez de 55 a 105 vítimas de assassinato⁷, ao status de herói revolucionário justo. Sua imagem era como um mito meticulosamente construído após sua morte, orquestrado por Fidel Castro e alimentado pelos intelectuais ao redor do mundo. Seu propósito era conferir-lhe uma imagem de eterna juventude em uma revolução que estava envelhecendo, retratando-o diferentemente de um personagem de crueldade insensata. A

⁴ KGB é o acrônimo em russo para Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti, Comitê de Segurança do Estado, tendo sido a principal organização de serviços secretos durante o período soviético.

⁵ O nome Kremlin significa "fortaleza dentro de uma cidade", e muitas vezes também é usado como uma metonímia para se referir ao governo da Federação Russa em um sentido semelhante à forma como "o Palácio do Planalto" é usada para se referir ao Palácio Presidencial onde fica o gabinete executivo do Presidente do Brasil.

⁶ Foi um político soviético que liderou a União Soviética durante parte da Guerra Fria como Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética de 1953 a 1964 e como presidente do Conselho de Ministros (ou primeiro-ministro) de 1958 a 1964.

⁷ Estes números são apoiados pelo Free Society Project / Cuba Archive, que dá de 55 a 105 vítimas específicas em La Cabaña. Todos os assassinatos, segundo projeto, foram ordenados por Guevara. Disponível em: <https://cubaarchive.org>. Acesso em: 01 de agosto de 2023.

mitificação póstuma, alimentada por interesses políticos e ideológicos, criou uma aura que obscurecia os verdadeiros eventos e a natureza ambígua da figura em questão (MACHOVER, 2008).

Inquestionavelmente, o enquadramento só obtém o devido sucesso quando a desinformação é repetida várias vezes. Costumava dizer o chefe da KGB, Yuri Andropov⁸, “*Dezinformatsiya*⁹ funciona como cocaína. Se você cheira uma ou duas vezes, não muda a sua vida. Se você usar todo dia, no entanto, isso fará de você um viciado - um homem diferente” (PACEPA, 2015, p. 257). Através desse processo, outra figura política passou pelo enquadramento. O ato de transformar o líder comunista da Romênia, Nicolae Ceaușescu, no tirano favorito do Ocidente se baseou na teoria da cocaína de Andropov. “Devemos plantar a imagem do novo Ceaușescu no Ocidente como sementes de papoula para produzir ópio, uma por uma. E devemos regar essas sementes todo dia, até que deem fruto” (PACEPA, 2015, p. 257). Por fim, uma nova imagem eclodiu das sementes plantadas no Ocidente pela KGB. (PACEPA, 2015).

2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONTRAINTELIGÊNCIA E A DESINFORMAÇÃO

Decerto a contrainteligência, comparada a desinformação, possui conceito mais rígido, que não variou muito com o tempo. A necessidade de salvaguarda de dados, conhecimentos, pessoas, áreas e instalações não mudou desde o século XVI, considerando a *magnus opus* de Maquiavel, *O Príncipe*, como marco para ressaltar a importância de manter o segredo e proteger informações sensíveis.

Não obstante, a definição de desinformação variou. Antes da Segunda Guerra Mundial, a desinformação era mais usada para controlar um líder decisor ou uma elite capaz de influenciar nas decisões relacionadas ao poder estatal. A saber, o conceito clássico de desinformação não se altera de Troia, onde temos uma exemplificação relatada até os tempos atuais, passando por uso intenso na Segunda Guerra Mundial até os dias atuais.

⁸ Foi um político soviético e Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética do dia 12 de novembro de 1982 até sua morte, além de chefe do serviço secreto soviético, a KGB, por quinze anos.

⁹ Pacepa (2015, p.72/73) diz que a definição de *Dezinformatsiya* é uma desinformação, ao mesmo tempo diz que tudo mudou com a revolução russa, exceto a “ciência da desinformação”. Contudo ele definiu o termo como uma forma de manipular a opinião pública. Assim ele ofertar um contexto único do termo *Dezinformatsiya* que se evoluiu com a história nacional russa.

Porém, Pacepa (2015), oferta um conceito novo e complementar de desinformação que começa na Guerra Fria¹⁰. Apesar da exemplificação do uso clássico da desinformação nas aldeias de Potemkin, o antigo chefe da espionagem romena revela que a opinião pública seria um novo alvo na guerra de informações, não mais o líder ou a elite dominante.

Em suma, ele diz que a Rússia se tornou uma das primeiras grandes potências a adotar o engano como uma política nacional permanente. Tanto durante o período czarista quanto durante o regime comunista, a Rússia utilizou amplamente a desinformação e a manipulação da narrativa como ferramentas para distorcer a sociedade e confundir seus adversários (PACEPA, 2015).

Inesperadamente a internet muda e desenvolve a forma de disseminação da desinformação, contudo, a temporalidade deste trabalho, década de 1950 e meados da década de 1960, não visa esta tecnologia contemporânea. Por consequência da temporalidade, a pesquisa do trabalho se ateuve as formas de distribuição da desinformação dentro da moldura temporal, ou seja, o uso de jornais, periódicos, difusão via rádio e até influência política onde a comunicação era realizada via oral.

3 ESTRUTURA DA CONTRAINTELIGÊNCIA SOVIÉTICA E A DISSEMINAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO

As evidências históricas pesquisadas indicam que toda estrutura do serviço secreto soviético não se modificou até a queda do muro de Berlim, em 1989 (BITTMAN, 2019; PETRILÁK, 2022). Além disso, o principal alvo desse serviço eram os EUA. A pesquisa revelou que a metodologia aplicada pelos serviços secretos dos dois blocos possuíam uma diferença, a qual era que

(...)os serviços comunistas estavam do lado de um sistema totalitário e opressor, que combatia a liberdade e a democracia, ao passo que os ocidentais, apesar de todos os abusos, erros ou ações claramente criminosas que realizaram, estavam do lado da democracia (PETRILÁK, 2022, p.11).

¹⁰ Guerra Fria foi um período de tensão geopolítica entre a URSS e os EUA e seus respectivos aliados, o Bloco Oriental e o Bloco Ocidental, após a Segunda Guerra Mundial. Considera-se geralmente que o período abrange a Doutrina Truman de 1947 até a dissolução da União Soviética em 1991. O termo "fria" é usado porque não houve combates em larga escala diretamente entre as duas superpotências, mas cada uma delas apoiou grandes conflitos regionais conhecidos como guerras por procuração. O conflito foi baseado em torno da luta ideológica e geopolítica pela influência global das duas potências, após sua aliança temporária e vitória contra a Alemanha nazista em 1945 (LEWKOWICZ, 2018).

Em suma, a política externa dos EUA em relação à URSS concentrou-se principalmente na proteção do mundo ocidental e no atraso da expansão soviética. Enquanto isso, os soviéticos intensificaram suas contínuas investidas por meio de operações secretas. Eles eram amplamente reconhecidos por sua predileção pelo sigilo e suas maquinações políticas, demonstrando maestria na disseminação de desinformação (BITTMAN, 2019).

Contudo, essa perspectiva não implica em idealizar o Ocidente e a democracia enquanto denigre tudo o que seja comunista. Trata-se apenas da capacidade de enxergar as coisas em um contexto mais amplo. A Guerra Fria foi um conflito entre o comunismo e a democracia, entre a ditadura e o persindencialismo/parlamentarismo. O comunismo, na forma implementada pela URSS e seus aliados, não era apenas um sistema economicamente ineficiente que resultava em retrocesso e atraso, mas principalmente um sistema criminoso que sufocava a liberdade dos indivíduos e das nações. Além disso, escondeu por muito tempo seus documentos e registros, onde o acesso a essas informações só foram possíveis em alguns países satélites do regime soviético, como a atual República Tcheca, por exemplo, além de agentes desertores que procuraram asilo em países ocidentais (PACEPA, 2015).

3.1 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO SERVIÇO SECRETO SOVIÉTICO

De 1948 a 1959, o comunismo perdeu apelo ideológico, mas os serviços de inteligência soviéticos expandiram-se via países satélites e organizações internacionais para apoiar a política externa. Governos comunistas desses países abriram portas para conselheiros soviéticos, construindo extensas organizações de inteligência e contrainteligência, além de se subordinar a KGB. Esse foi o caso do StB, o serviço secreto tchecoslovaco, que operou no Brasil e por muitas vezes contribuindo com a KGB (BITTMAN, 2019).

Conforme narrado por um desertor soviético, Ladislav Bittman (2019), o aparato soviético de propaganda e desinformação era indiscutivelmente o maior e mais efetivo do mundo. Até o final da década de 1980, os soviéticos conduziram campanhas de desinformação contra os EUA, seu maior adversário, principalmente por canais oficiais, governamentais ou partidários.

Em outras palavras, a KGB, juntamente com seus colaboradores, chegaram a marca de um milhão de pessoas envolvidas com as atividades de inteligência por todo o globo. Um

número considerável, maior que várias forças militares nacionais. Tal permeabilidade em diversos Estados só foi possível devido à estrutura que a KGB adotou juntamente com os serviços secretos subservientes, permitindo que todas as informações fluíssem para Moscou em forma de análises e informes, admitindo campanhas de desinformação conjuntas com os países satélites de Moscou (BITTMAN, 2019).

No entanto, essas campanhas eram muitas vezes mal elaboradas e seus sucessos eram limitados. Assim, os soviéticos procuraram melhorar seus serviços de inteligência desenvolvendo duas categorias básicas de atividades de inteligência. A primeira era conhecida como função "passiva" ou coleta de informações, que se concentra em obter uma ampla gama de informações secretas sobre as forças, fraquezas, planos e intenções de um determinado adversário. O segundo tipo engloba operações secretas especiais, cuja principal tarefa era a desinformação, referidas no jargão comunista como OAs (BITTMAN, 2019).

Por conseguinte, essas operações de desinformação desempenharam um papel vital na política externa soviética. Em 1959, a URSS estabeleceu um departamento especializado em desinformação dentro da KGB, chamado Departamento de OAs, dentro de sua Primeira Diretoria, com a responsabilidade de analisar as vulnerabilidades dos inimigos, examinar falhas e erros, e explorar essas fraquezas em uma ofensiva secreta e abrangente ao redor do mundo. Esse departamento era composto por cerca de cinquenta a setenta especialistas altamente experientes e criativos em operações secretas (BITTMAN, 2019).

Ademais, entre 1961 e 1964, todos os países do bloco soviético e países satélites criaram departamentos semelhantes ao Departamento de OAs da KGB e intensificaram as campanhas de desinformação antiamericana ao redor do mundo. Esses departamentos eram incumbidos de OAs, missões e responsabilidades, dividindo trabalhos com a KGB, obviamente seguindo as diretrizes dos Partidos Comunistas de cada país. Logo o Departamento de OAs da KGB, liderado pelo General Ivan I. Agayants¹¹, aumentou seu papel de responsabilidade e poder e influência e o setor passou a ser conhecido como Serviço A (BITTMAN, 2019; PACEPA, 2015).

¹¹ Ivan Ivanovich Agayants (28 de agosto de 1911 - 12 de maio de 1968), de origem armênia, foi um importante oficial de inteligência soviético da KGB. Foi o chefe do departamento de desinformação da KGB (BERTELSEN, 2021).

Anteriormente, as OAs eram consideradas secundárias em relação à coleta de informações secretas. Contudo, na década de 1960, elas se tornaram ações rotineiras em algumas regiões do mundo, especialmente em países do Terceiro Mundo. Alemanha Oriental, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Polônia e Bulgária seguiram as ordens soviéticas e conduziram OAs, entre 1962 e 1964. A saber, o departamento tchecoslovaco para OAs foi responsável pela direção e coordenação de mais de cem operações (BITTMAN, 2019).

Durante esse período, todos os serviços de inteligência do bloco soviético realizavam anualmente entre trezentas e quatrocentas operações semelhantes. A KGB mantinha o papel de coordenadora-chefe, porém permitia e incentivava contatos operacionais diretos entre os serviços satélites. Desse forma, a KGB centralizou a coordenação e o controle. Tudo era direcionado para Moscou (BITTMAN, 2019). O serviço secreto tchecoslovaco, a StB, era responsável pelas OAs no Brasil (PACEPA, 2015; KRAENSKI e PETRILÁK, 2017; BITTMAN, 2019). Além de toda essa estrutura e organização, era preciso uma metodologia que coordenaria a divulgação da desinformação.

3.2 METODOLOGIA DE DISSEMINAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO

A definição oficial soviética de desinformação é a disseminação de informações falsas com a intenção de enganar a opinião pública. No entanto, essa definição está incompleta, já que muitas campanhas de desinformação são direcionadas apenas à elite tomadora de decisões. A desinformação é uma mensagem falsa inserida no sistema de comunicação de um adversário, visando enganar a elite ou o público em geral. Pode ter diversas naturezas, como política, econômica, militar ou científica. Para ser bem-sucedida, a desinformação deve, em parte, corresponder à realidade ou visões geralmente aceitas, especialmente quando a vítima já está familiarizada com práticas de propaganda similares (PACEPA, 2015; BITTMAN, 2019). Sem um grau considerável de informação plausível e verificável, é difícil conquistar a confiança da vítima. Um manual da KGB discute o papel da desinformação nos seguintes termos:

"A desinformação estratégica auxilia na execução das tarefas do Estado e tem como alvo enganar o inimigo em relação aos aspectos fundamentais da política estatal, do estado econômico-militar e dos sucessos técnico-científicos da União Soviética, assim como a política de certos Estados imperialistas em relação a diferentes países, e as tarefas específicas de contra-inteligência dos órgãos de Segurança Nacional... A prática da desinformação em assuntos estratégicos é de responsabilidade do

governo, ministérios e comitês pertinentes, bem como do alto comando das forças armadas do país. Os órgãos de Segurança Nacional prestam assistência contínua a outros departamentos em relação a esse assunto... A desinformação tática possibilita a realização de tarefas individuais da desinformação estratégica e, na prática, compreende o principal trabalho de desinformação dos órgãos de Segurança Nacional" (BITTMAN, 2019, p.85).

Apesar do jogo binário descrito acima entre Estados, mais precisamente entre EUA e URSS, a desinformação era um jogo no qual os participantes desempenhavam três papéis principais: o operador, o adversário e o agente inconsciente. O operador é o autor e condutor da operação, enquanto o adversário pode ser um Estado estrangeiro, suas autoridades governamentais ou até mesmo cidadãos privados. O agente inconsciente é um jogador que não está ciente de seu verdadeiro papel e é explorado pelo operador como um meio de atacar o adversário. Geralmente, personalidades, agências ou a imprensa de países em desenvolvimento são selecionados para desempenhar o papel de agente inconsciente. Os papéis de adversário e agente inconsciente não estão necessariamente limitados a fronteiras nacionais, embora geralmente isso seja verdade. (BITTMAN, 2019).

Nessa dinâmica, o operador concentra seus esforços em influenciar as ações do agente inconsciente, que, sem saber, assume o papel indireto de operador e ataca o adversário por sua própria vontade. Isso ocorre mesmo com o risco de o agente inconsciente se tornar alvo de contraoperações por parte do adversário (BITTMAN, 2019).

Em outra versão, o operador ataca diretamente o adversário, que se defende, mas, sem evidências claras e concretas em contrário, confunde o agente inconsciente com o operador real. Dessa forma, o agente inconsciente se torna alvo de contraoperações por parte do adversário e age para se defender. Essa ação, por sua vez, desencadeia uma rodada de ataques e acusações entre o adversário e o agente inconsciente, beneficiando o operador (BITTMAN, 2019).

Na versão seguinte da dinâmica, o operador direciona suas ações contra o adversário. No entanto, o adversário interpreta esses ataques como consequências de suas próprias dificuldades ou como eventos naturais, não os categorizando como ataques diretos. Por fim, o operador pode atacar tanto o adversário quanto o agente inconsciente simultaneamente, esperando que essa pressão desencadeie uma nova rodada de hostilidades entre eles. Para implementar essa estratégia, o operador precisa convencer tanto o adversário quanto o agente inconsciente de que o agente inconsciente é o verdadeiro perpetrador aos olhos do

adversário, enquanto o adversário é o operador real aos olhos do agente inconsciente (BITTMAN, 2019).

Todas essas relações entre o operador, o adversário e o agente inconsciente compartilham uma característica comum: a iniciativa, o impulso ou o movimento inicial de ataque partem do operador, que se oculta sob anonimato ou age indiretamente por meio do agente inconsciente ou até mesmo do próprio adversário. Essas variações representam situações ideais nas quais o operador real consegue manter seu papel em segredo. No entanto, é raro que o operador fique parcial ou totalmente exposto e sujeito a contraoperações por parte do governo do país-alvo. Mesmo que o adversário ocasionalmente desconfie de alguma operação, geralmente não possui evidências suficientes para identificar o operador ou provar sua culpa além de qualquer dúvida razoável (PACEPA, 2015).

A princípio o agente inconsciente era usado para divulgar a desinformação. Porém, não era tão simples, pois desinformação, ou *dezinformatsiya*, adotava diversas formas, como a disseminação de rumores, vazamento de documentos falsos, campanhas coordenadas na imprensa mundial com o auxílio de agentes de influência, além de livros e programas de rádio e televisão. Qualquer meio de comunicação poderia ser utilizado para disseminar a mensagem, no entanto, ao buscar desencadear uma reação em cadeia na mídia de massa, era crucial escolher cuidadosamente o meio mais adequado para divulgar a história (PACEPA, 2015; BITTMAN, 2019).

Nesse sentido, os oficiais do serviço secreto do bloco soviético preferiam agentes influentes em veículos impressos, como jornais ou revistas, em detrimento de mídias radiofônicas ou televisivas, pois a desinformação veiculada na mídia impressa possuía um elemento de ampla divulgação e permanência como fonte história. Além disso, o meio impresso era mais fácil de manipular e controlar (PETRILÁK, 2022).

Certamente a preferência pela mídia impressa era tão grande que os manuais da KGB criaram o termo jornalista-agente. Seria uma espécie de jornalista que também é agente de inteligência em um país liberal, o qual se tornava um ativo valioso para os serviços de inteligência, pois ele pode exercer sua profissão com investigação e curiosidade profissional sem levantar suspeitas – no capítulo quatro veremos esse método aqui no Brasil com a Operação STROJ relativa ao jornal periódico *O Semanário* (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

A saber, a responsabilidade do jornalista-agente era obter informações importantes, inclusive altamente sigilosas, especialmente nos EUA, onde a imprensa é conhecida por sua

postura agressiva e combativa. A maioria do povo americano tem grande estima pela imprensa e, quando um repórter sacava seu bloco de notas e começava a fazer perguntas, o cidadão comum não costumava se preocupar em solicitar sua identificação. Dessa forma, agentes soviéticos ocasionalmente utilizavam disfarces jornalísticos para obter entrevistas com pessoas que, de outra forma, não estariam disponíveis (BITTMAN, 2019).

Ao considerar a quantidade e a qualidade das notícias domésticas e internacionais que eram coletadas, verificadas e publicadas diariamente pelos jornalistas-agentes, o sistema de coleta de informações jornalístico frequentemente se mostrava muito mais efetivo e produtivo do que os serviços de inteligência, como a KGB ou a CIA. Assim, todas as embaixadas do bloco soviético em países capitalistas mantinham dois fundos especiais para pagamento a jornalistas (BITTMAN, 2019).

A princípio um fundo era administrado no país pelo departamento de imprensa do Ministério das Relações Exteriores, enquanto no exterior era gerido pela assessoria de imprensa da embaixada. Jornalistas locais interessados em escrever uma matéria favorável ocasional sobre a economia soviética ou um perfil interessante de um líder soviético eram presenteados com algumas centenas de dólares ou até mesmo com uma viagem gratuita para o Mar Negro ou aos países do bloco soviético. Ao mesmo tempo, um segundo fundo era utilizado pela KGB para pressionar e recrutar agentes secretos entre jornalistas, além de disseminar *dezinformatsiya* (PACEPA, 2015)

Geralmente, o processo de recrutamento entre jornalistas começava com um pedido aparentemente inocente de um agente da KGB, ou de outro serviço do bloco soviético, a um jornalista amigo para escrever uma pequena matéria sobre algum evento recente com base em fontes abertas. O pagamento não era extraordinário, mas era geralmente suficiente para convencer o jornalista a repetir o favor, já que ele não estava violando nenhuma lei (BITTMAN, 2019).

De tal forma, a próxima matéria era mais desafiadora e não poderia ser escrita sem consultar algumas fontes confidenciais. Após um ou dois anos, o repórter se via em uma armadilha quando descobre que suas informações foram armazenadas e poderiam ser usadas para chantageá-lo. Se ele colaborasse, a inteligência soviética prometia destruir as matérias comprometedoras, mas se ele se recusasse, ameaçavam torná-las públicas e destruir sua vida profissional e pessoal (BITTMAN, 2019).

3.3 AVALIAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO

A KGB avaliava o sucesso da desinformação propagandística de duas maneiras. Em primeiro lugar, ela observava a atenção que a mensagem recebia fora do bloco soviético, analisando o volume de discussão pública gerado e o tom político predominante no debate. Em segundo lugar, ela verificava se a mensagem passada influenciava o país-alvo a implementar alguma mudança política que pudesse beneficiar direta ou indiretamente a URSS e aliados (BITTMAN, 2019).

Uma vez que existia a avaliação do sucesso da desinformação, a mesma só passava por esse processo quando crível e aceitável, mesmo vindo de uma fonte anônima ou pouco confiável, pois era projetada para atender às necessidades e preconceitos do receptor. Em países em desenvolvimento, por exemplo, a desinformação se aproveita dos estereótipos e preconceitos existentes contra os países ocidentais, sua cultura e sua ordem social. Mesmo uma falsificação malfeita de um documento governamental dos EUA é prontamente aceita e utilizada como um símbolo visual do mau americano, pois fornece justificativa e consolo psicológico à audiência (BITTMAN, 2019).

Logo, extremistas em ambos os espectros político, sejam eles de esquerda ou de direita, são os alvos mais vulneráveis à desinformação, pois seus estereótipos e preconceitos são fáceis de serem traçados. Sem uma dose saudável de tolerância e ceticismo, eles tendem a aceitar até mesmo acusações bizarras e rumores de conspiração provenientes de fontes inconsistentes, desde que essas mensagens estejam alinhadas com seus vieses políticos (PACEPA, 2015).

3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DE INTELIGÊNCIA SOVIÉTICA E A DISSEMINAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO

Em conclusão, este capítulo apresentou o propósito dos serviços de inteligência soviético e de seus aliados, o qual era prejudicar a influência dos EUA no mundo. Tal como apresentou qual a ferramenta mais utilizada pelos soviéticos, a desinformação. Para um eficiente uso da desinformação a ponto de abalar um país do porte dos EUA nas décadas de 1950 e 1960, foi necessária uma grande rede de colaboradores e atores trabalhando de forma coordenada e controlada por uma unidade central.

Esse controle e coordenação partiram da necessidade da perspectiva de queda de popularidade ideológica do comunismo, mas os serviços de inteligência soviéticos procuraram se expandir via organizações internacionais e países satélites. Governos comunistas nesses países abriram suas portas para conselheiros soviéticos, resultando na criação de extensas organizações de inteligência e contrainteligência sob a égide da KGB. A partir dos anos 1960, a desinformação se tornou uma ferramenta crucial da política externa soviética. A KGB e seus aliados chegaram a envolver cerca de um milhão de pessoas em atividades de inteligência, estabelecendo uma estrutura coordenada para compartilhar informações.

Assim, toda essa coordenação e controle da KGB proporcionou a realização de operações secretas de desinformação. A qual, segundo a definição soviética, busca enganar a opinião pública ou a elite tomadora de decisões. Para ser eficaz, deve se assemelhar à realidade e ser disseminada em meios de comunicação adequados. A KGB e seus aliados coordenavam e ampliavam campanhas de desinformação, usando jornalistas-agentes para coletar e divulgar informações falsas. Os jornalistas eram recrutados sutilmente e chantageados para colaborar com a inteligência soviética. As operações eram dirigidas por um "operador" e envolviam o "adversário" e o "agente inconsciente", sendo este último explorado para disseminar a desinformação. O sucesso dependia da capacidade de manipular informações e influenciar a mídia impressa.

Por fim, a desinformação disseminada por toda essa estrutura mencionada anteriormente precisava ser avaliada para verificar sua eficiência e eficácia. Em resumo, a KGB avaliava o sucesso da desinformação através do volume de discussão pública gerado e do impacto nas decisões políticas do país-alvo. A desinformação era projetada para atender aos preconceitos do receptor, sendo aceita mesmo de fontes anônimas. Grupos extremistas de ambos os espectros políticos eram os mais vulneráveis, pois aceitavam acusações e rumores de fontes inconsistentes que confirmavam seus vieses políticos, mostrando que a desinformação era mais eficaz entre os intolerantes e céticos.

4 A DESINFORMAÇÃO DO SERVIÇO TCHECOSLOVACO NO BRASIL

As décadas de 1950 e 1960 foram de expansão da influência estadunidense e soviética. Ambas potências procuravam aumentar seu poder de modo a enfraquecer o rival. Neste

contexto a América Latina torna-se local de disputa, pois no período da Segunda Guerra Mundial, a América Latina foi importante centro de fornecimento de matéria-prima e commodities para os aliados ocidentais (TOPIK; MARICHAL; FRANK, 2006).

Ou seja, os ocidentais, principalmente os EUA, possuíam grande influência na região. Contudo, essa influência começa a perder força no período anterior as eleições presidenciais de 1960 no Brasil, o que favoreceu uma aproximação da URSS. Apesar da política externa soviética ter passado por certas modificações ao longo da existência do império soviético, uma convicção permaneceu inalterada: em 9 de fevereiro de 1946, no Grande Teatro em Moscou, Stalin afirmou que o comunismo e o capitalismo não poderiam coexistir. Nesse discurso, o líder soviético expressou a razão de ser da versão soviética do comunismo, ou seja, a suposição de que a paz só seria alcançada quando o comunismo triunfasse globalmente (PETRILÁK, 2022).

Neste íterim de expansionismo da influência soviética pelo globo, Jânio Quadros, candidato a presidência do Brasil, vence as eleições de 1960 para iniciar seu mandato em 1961. A administração de Quadros teve um começo marcado por duas frentes: uma abordagem conservadora em termos econômicos, contrastando com o desenvolvimentismo adotado durante o governo de Juscelino Kubitschek¹²; e uma atenção especial à política externa, considerando o contexto internacional de crescentes tensões entre as duas superpotências, os EUA e a URSS (VILLA, 2014).

Jânio Quadros adotou medidas moralistas que iam contra as mudanças culturais em curso no país, decorrentes do processo de urbanização. No entanto, ficou conhecido por sua "política externa independente". Em parceria com Afonso Arinos de Melo Franco, seu ministro das Relações Exteriores, ele planejou uma ação diplomática que rompesse as barreiras impostas pela Guerra Fria (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Ademais, Quadros buscou expandir as relações comerciais com os países socialistas e se recusou a apoiar as medidas estadunidenses contra o governo socialista de Cuba. Ele inclusive condecorou Ernesto Che Guevara, na época Ministro da Economia cubano, quando este fez uma escala no Brasil após a Conferência de Punta del Este. Seus oponentes aproveitaram esse fato para explorá-lo politicamente. No entanto, Quadros deu pouca

¹² O Governo Juscelino Kubitschek teve início em 31 de janeiro de 1956 e fim em 31 de janeiro de 1961, quanto passou a presidência para Jânio Quadros.

importância ao ocorrido: ele entregou a condecoração da Grão Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul e, em seguida, partiu em viagem para Vitória, Espírito Santo (VILLA, 2014).

Além disso, Quadros já tinha acenado para o bloco soviético, quando em 1959, na posição de político de oposição a Juscelino, realizou uma visita a Moscou e Leningrado - hoje São Petersburgo - acompanhado por um tradutor, com quem desenvolveu uma amizade. Durante os encontros com os representantes soviéticos, conforme as declarações do tradutor, Quadros expressou seu apoio à União Soviética (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017). No dia 25 de agosto de 1961, Dia do Soldado, Jânio Quadros renunciou à presidência. Durante décadas, ele tentou explicar as razões por trás de seu ato (VILLA, 2014).

Contudo, após a renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961, o vice-presidente João Goulart, conhecido como Jango, assume a presidência sob protestos. Os ministros militares se opuseram a posse. As Forças Armadas exerciam um papel político extraconstitucional. Identificavam Jango simpático ao Varguismo¹³, especialmente por sua passagem breve pelo Ministério do Trabalho no período getulista e sua simpatia as forças políticas progressistas. Apesar disso desencadeou-se uma campanha para defender a posse de Jango, liderada pelo Governador do Rio Grande do Sul, e também parente do futuro presidente, Leonel Brizola (VILLA, 2014).

Inquestionavelmente, Jango e Brizola possuíam imenso apoio político no Rio Grande do Sul. Do ponto de vista militar, na época, o Estado de Brizola possuía a maior parcela do III Exército e do Exército Brasileiro. A influência militar também se expandia por Santa Catarina e Paraná. Jango e Brizola também contavam com as forças progressistas e varguistas em seu Estado (FIGUEIREDO, 1979).

Outrossim, Jango, durante a renúncia de Quadros, estava em Cingapura. Tinha sido designado líder de uma missão que visitou a Europa Oriental, a URSS e a China. Era notório o interesse de aproximação ao bloco soviético por parte de Jânio Quadros e Jango, logo isso facilitaria o reestabelecimento das relações diplomáticas entre Brasil e URSS (VILLA, 2014).

¹³ Doutrina política onde o estilo político de Getúlio Vargas é replicado. Doutrina chamada de "getulismo" ou "varguismo". Getúlio Vargas, até os dias de hoje, foi o único presidente que chegou ao poder por forma indireta e direta. Também foi o presidente que mais tempo permaneceu no cargo, na história (PIOZZI, 1983).

4.1 O SERVIÇO SECRETO TCHECOSLOVACO NO BRASIL

O serviço secreto soviético era concentrado na KGB, conforme mencionado anteriormente. Alguns países satélites e países do núcleo duro comunista possuíam polícias políticas e serviços secretos, ou seja, o bloco soviético possuía, além da KGB, o DGI (o serviço secreto de Cuba), a STASI (serviço secreto da Alemanha Oriental) e a StB, por exemplo (BITTMAN, 2019; PETRILÁK, 2022).

Quando um sistema não se baseia na verdadeira liberdade e democracia, é necessário ter um aparelho eficaz de coerção para manter e fortalecer seu poder. Na Tchecoslováquia, entre 1945 e 1989, além das instituições tradicionais como a polícia, as forças armadas e o sistema judiciário - com procuradores, tribunais e juízes - o sistema repressivo contava principalmente com a polícia secreta chamada Segurança Estatal, conhecida como StB. Essa polícia política era controlada pelo Partido Comunista da Tchecoslováquia (KSC) e foi estabelecida em junho de 1945, ainda em um sistema que se fazia passar por uma democracia (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Desde o início de suas atividades, a StB era supervisionada por "conselheiros", ou seja, funcionários da KGB enviados por Moscou. A colaboração com o serviço secreto soviético era, na verdade, uma subordinação, e por isso a estrutura e os métodos de trabalho da StB se assemelhavam aos dos soviéticos em diversos aspectos, conforme já explicado no capítulo três. Isso significa que a StB não combatia efetivamente verdadeiros criminosos, mas sim atacavam pessoas e organizações que não aceitavam o regime comunista. Para isso, utilizava métodos brutais de investigação, como torturas e obtenção de depoimentos forçados, criação de documentos falsos, assassinatos de reputação, dentre outras ações convenientes para o bloco comunista (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Em primeira análise, o serviço de inteligência tchecoslovaco iniciou suas operações no Brasil durante a segunda metade de 1952. O trabalho do I Departamento¹⁴ no Brasil consistia em realizar missões de inteligência, e sua abordagem era organizada e bem estruturada. A *rezidentura*, como era chamada a base de operações da inteligência, fornecia as melhores condições possíveis para que os agentes do serviço de inteligência pudessem realizar suas atividades com eficiência. O residente, representante do I Departamento no país estrangeiro,

¹⁴ Departamento do Ministério do Interior (em tcheco: *Ministerstvo Vnitra*) - serviço de inteligência no exterior.

desempenhava um papel crucial na organização e controle da rede de agentes e de seu trabalho em território estrangeiro. Esses representantes eram oficiais da polícia secreta tchecoslovaca e tinham a responsabilidade de coordenar as atividades de espionagem e coleta de informações. Contudo, recebiam posição de diplomata para não levantar suspeitas para contrainteligência brasileira (PACEPA, 2015; KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

No caso do Brasil, a base de operações do serviço de inteligência tchecoslovaco estava localizada na embaixada da República da Tchécoslováquia, no Rio de Janeiro. Porém, a *rezidentura* poderia ser instalada em outros órgãos diplomáticos como consulados, escritórios comerciais e casas de cultura. Esse modelo de estabelecimento da *rezidentura* permitia ao serviço de inteligência manter uma presença significativa em várias partes do mundo. Logo, torna-se notável que um país relativamente pequeno, com cerca de 14 milhões de habitantes na época, fosse capaz de conduzir atividades de inteligência em uma escala tão ampla. No entanto, esse feito pode ser explicado pelas tarefas e diretrizes determinadas por Moscou (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Apesar da *rezidentura* ter certa autonomia nas ações de inteligência, as diretrizes eram passadas e aprovadas pelo Ministério do Interior tchecoslovaco. Os documentos que regulamentavam o trabalho do serviço de inteligência passaram por mudanças ao longo do tempo. Vale a pena mencionar o Estatuto do I Departamento, divulgado por meio de uma ordem do ministro do interior em 22 de maio de 1954, em Praga. Nesse documento, o chefe do serviço de inteligência estabeleceu claramente suas diretrizes: "O serviço de inteligência organiza seu trabalho consoante os interesses da política de relações exteriores da República da Tchécoslováquia, da URSS e dos países de democracia popular, seguindo resoluções e recomendações do Comitê Central do KSC (Partido Comunista da Tchécoslováquia) e do governo tchecoslovaco." (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

De certo, essa ordem do ministro tchecoslovaco balizou as atividades da StB no Brasil. Esse documento reforçou a ideia que o serviço de inteligência era de natureza política, servindo ao Partido Comunista e subordinado à União Soviética. O estatuto também destacou algumas das tarefas do serviço de inteligência, incluindo a obtenção de informações confiáveis e a luta contra os "serviços de espionagem estrangeiros que agem contra a República da Tchécoslováquia e a URSS" (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Outrossim, uma das tarefas descritas no estatuto era as operações especiais de "desinformar os governos dos países capitalistas, seus Estados Maiores e serviços de

informações civis". Essas informações revelam que o serviço de inteligência tchecoslovaco tinha uma clara orientação política e atuava segundo as diretrizes do Partido Comunista e da União Soviética, engajando-se em diversas atividades, inclusive aquelas relacionadas à desinformação em âmbito internacional, incluindo o Brasil (PETRILÁK, 2022).

Durante a Guerra Fria, o Brasil não era considerado inimigo da distante Tchecoslováquia, e os residentes¹⁵ tchecoslovacos utilizavam esse argumento para conquistar a confiança de seus informantes e colaboradores. Para os cidadãos de um país democrático, como o Brasil, essa informação parecia verdadeira e lógica, pois era difícil imaginar que um país tão pequeno tivesse interesses ocultos nessa nação, além de possíveis interesses comerciais (PACEPA, 2015; BITTMAN, 2019; PETRILÁK, 2022).

No entanto, não devemos esquecer que, como maior país da América Latina, o Brasil desempenhava um papel fundamental nos jogos manipulados pelo império soviético, e os espiões tchecoslovacos que atuavam em território brasileiro não representavam apenas os interesses de seu próprio país. Eles eram instrumentos a serviço da União Soviética, para quem o Brasil tinha grande significado estratégico (BITTMAN, 2019).

4.1.1 Nomenclatura de agentes e colaboradores

Segundo Kraenski e Pretrilák (2017), os colaboradores da StB se dividiam em três grupos. O primeiro grupo são os agentes. Um agente é uma pessoa selecionada para colaborar conscientemente com o serviço de inteligência da Tchecoslováquia ou é adquirida sob o disfarce de "falsa bandeira". Esses agentes têm a capacidade de realizar tarefas de espionagem e são mantidos em contato de forma conspirada e subordinados disciplinarmente. Sua indicação é feita pelo próprio serviço de inteligência.

Consoante o Estatuto, os agentes do serviço de inteligência são recrutados entre os cidadãos dos países imperialistas e capitalistas, mas não podem ser membros de partidos comunistas ou de organizações sob a influência desses partidos. Qualquer decisão que permita exceções a essa regra é de responsabilidade exclusiva do Comitê Central do KSC (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

¹⁵ O termo "residente" se relaciona ao agente da StB que atuava em alguma *rezidentura*.

Em primeira análise, os agentes são responsáveis pela condução dos trabalhos dos contatos secretos, membros do segundo grupo, (abreviação tcheca: DS, para *divèrny styk*). São uma categoria específica de colaboradores do serviço de inteligência. Sua colaboração é consciente, mas geralmente não sabem que estão adquirindo informações para o serviço de inteligência, e não para os órgãos legais tchecoslovacos. O DS, assim como o Agente, possui capacidade de cumprir tarefas do serviço de inteligência de acordo com sua posição. O contato com o DS deve ser organizado de maneira que não revele tratar-se de atividade organizada do serviço de inteligência (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Por conseguinte, o DS pode ser uma etapa de passagem para a função de agente. Não há recrutamento de DS: um figurante¹⁶, um possível colaborador, torna-se um Contato Secreto quando começa a colaborar com regularidade e consciência. Não é exigido, como o agente, um compromisso de colaboração por escrito (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017). O DS é um tipo de agente um pouco diferente, que atua de forma quase semelhante a um agente normal, mas com a particularidade de ser mantido no desconhecimento de que está colaborando com um funcionário do serviço de inteligência de um país estrangeiro (PETRILÁK, 2022).

De fato, o DS realiza, em grande parte, as mesmas atividades de um agente comum, porém, durante o cumprimento de suas tarefas em prol do serviço de inteligência, não são utilizados métodos doutrinários de espionagem nem a aplicação de elementos técnicos do ofício (PETRILÁK, 2022).

Com efeito, é importante destacar que, na prática do serviço de inteligência da StB, essa categoria, o DS, era usada de maneira bastante flexível. Alguns colaboradores se enquadravam nas definições estabelecidas na instrução, enquanto outros casos eram mais maleáveis e indeterminados. Em algumas situações, um colaborador inicialmente tratado como DS poderia ser posteriormente considerado como um agente de alto calibre ou até mesmo como um contato comum, dependendo das circunstâncias e da evolução da colaboração (BITTMAN, 2019).

Finalmente o terceiro grupo se chama Colaborador Ideológico (abreviação tcheca: IS, de *ideospolupracovnik*). Esse colaborador é um cidadão da Tchecoslováquia politicamente maduro e totalmente dedicado ao socialismo, recrutado para uma colaboração secreta e

¹⁶ Termo usado para designar o alvo que possuía possibilidades de ser “trabalhado” para ser transformado em agente, DS ou IS.

contínua. Nessa categoria, são permitidos e até mesmo recomendados membros do KSC, mas não é permitido buscar colaboradores ideológicos entre funcionários e empregados de órgãos superiores do partido. A diretiva estabelece os locais onde o serviço de inteligência pode encontrar um colaborador ideológico: no Ministério das Relações Exteriores, Ministério do Interior, Ministério do Comércio Exterior e embaixadas, além da agência de notícias estatal (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Enquanto é possível recrutar agentes com base na convergência ideológica, desonra ou até mesmo chantagem, um colaborador ideológico (IS) ou um contato secreto (DS) deve ser recrutado exclusivamente com base na afinidade ideológica. É exigido um compromisso de colaboração por escrito do colaborador ideológico, formalizando sua dedicação ao trabalho com o serviço de inteligência (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

4.1.2 Objetivos da StB no Brasil

Petrilák (2022) afirma que a StB não interferia diretamente ou apoiava os principais aliados do bloco oriental. Ou seja, não possuía objetivos comuns com outros membros do bloco comunista, a não ser quando determinado por Moscou, passando pela coordenação da KGB. Supreendentemente, a StB não tinha objetivos comuns com os partidos comunistas dos países onde existia uma *rezidentura*.

De tal forma, Petrilák (2022), elenca os objetivos do serviço de inteligência tchecoslovaco em relação à América Latina, conforme o Estatuto do I Departamento. O primeiro deles era observar os sinais de uso da América Latina nos planos agressivos do mundo, especialmente em relação ao imperialismo dos EUA contra o “bloco democrático”¹⁷. O segundo objetivo era o “exame da velocidade e das formas da transição da América Latina para a submissão aos EUA, incluindo todas as circunstâncias de desaceleração, decorrentes de diferentes interesses” (PETRILÁK, 2022, p. 161/162).

Uma vez que a desinformação era uma eficiente ferramenta, o terceiro objetivo da StB era desmascarar de maneira eficaz e prática, perante a opinião pública, a inclusão da América Latina na política de imperialismo agressivo e apoiar o aumento de divergências de todos os tipos, em defesa do continente latino-americano contra os ataques dos EUA. Por último, o

¹⁷ O bloco soviético se auto intitulava “bloco democrático” ou “bloco da paz” nos documentos oficiais.

quarto objetivo era utilizar a América Latina como ponto de partida para penetrar no território do inimigo mais perigoso do “bloco da paz”, os EUA (PETRILÁK, 2022).

Segundo o estatuto mencionado anteriormente, foi decidido pela central em Praga que o principal objeto de interesse do serviço de inteligência tchecoslovaco seria a embaixada americana em Brasília. Em segundo lugar, foram mencionados o gabinete presidencial, seguido pelo parlamento e pelo Ministério das Relações Exteriores, e depois a Confederação da Indústria e a polícia (PETRILÁK, 2022).

Enfatizou-se que, apesar de serem órgãos brasileiros (com exceção da embaixada dos EUA), suas ações refletiriam, de diversas formas, cada movimento do imperialismo no Brasil. Além disso, nesses órgãos, as diferenças e tendências relacionadas à atitude do Brasil em relação ao bloco do socialismo são claramente identificadas, incluindo a questão de estabelecer relações com a URSS e a Tchecoslováquia, entre outros (PETRILÁK, 2022).

Assim sendo, fica nítida a ideia que a StB tinha como objetivo aplicar a desinformação para atingir os EUA e o bloco democrático. Esses objetivos, segundo Pacea (2015) e Bittman (2019), eram os mesmo da URSS, ou seja, o Partido Comunista Soviético e os Partidos Comunistas dos países satélites possuíam objetivos comuns que se operacionalizavam, em partes, pelos serviços secretos de inteligência coordenados e controlados operacionalmente pela KGB.

Em vista dos objetivos da StB na América Latina e no Brasil, bem como a categorização dos colaboradores, a instalação da *rezidentura* no Rio de Janeiro e a conjuntura política do Brasil se inclinando a uma política externa mais pragmática, rompendo as barreiras da Guerra Fria, veremos a seguir alguns colaboradores recrutados pela StB e algumas operações secretas realizadas em solo brasileiro.

4.1.3 Recrutamento de colaboradores brasileiros

Pouco depois da Revolução Russa de 1917, uma nova era da desinformação internacional e da penetração informal começou. O plano estratégico soviético consistia no recrutamento de inúmeros agentes disciplinados, totalmente dedicados à causa da revolução proletária e à infiltração no sistema capitalista. Durante o 11º Congresso da Internacional Comunista em 1920, foi adotada uma diretriz que afirmava que o princípio fundamental de

todo o trabalho de organização do Partido Comunista e dos comunistas individuais deveria ser a criação de células comunistas em todos os lugares onde se encontrassem proletários, mesmo que em pequeno número (BITTMAN, 2019).

Dentro dessa perspectiva, os residentes da StB no Rio de Janeiro iniciaram seus trabalhos de recrutamento de colaboradores em meados da década de 1950 (BITTMAN, 2019). Durante a etapa de construção de um vínculo com o colaborador - o “trabalho” de recrutamento - era crucial estabelecer uma impressão de amizade pessoal e confiança mútua, pois essa relação oferece oportunidades para obter informações relativamente complexas sobre o futuro agente, DS ou IS (PACEPA, 2015; PETRILÁK, 2022)

Quanto mais o funcionário do serviço de inteligência - chamado de oficial condutor – souber sobre o figurante, maiores serão as possibilidades de sucesso no trabalho. As diretrizes de recrutamento da StB mencionam a premiação de agentes, bem como a necessidade de supervisão constante desse grupo por parte dos chefes das *rezidenturas*, pois quando dinheiro está envolvido, o risco de abuso é elevado. Os prêmios concedidos aos agentes deveriam ser documentados por meio de declarações fornecidas pelos próprios agentes, mas caso essa não seja a forma mais adequada, o funcionário do serviço de inteligência deveria redigir um relatório à central sobre a entrega do dinheiro (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Portanto, os colaboradores recrutados eram membros das mais variadas classes sociais, pois o propósito central era fornecer informações ou realizar ações que pudessem favorecer o bloco soviético e prejudicar os EUA. Diplomatas, políticos, funcionários públicos, presidentes de associações da sociedade civil e jornalistas eram os preferidos para o recrutamento. O processo de recrutamento também se estendia a parentes, pois eles poderia ter acesso à informação e conseguiam manipular a postura da pessoa que possuía informação e influência. O parente também poderia ser usado para aproximar o oficial da *rezidentura* com o figurante (BITTMAN, 2019; PETRILÁK, 2022).

Vejamos alguns exemplos de recrutados. Inesperadamente mencionamos o Antonio Houaiss (1915-1999). Brasileiro reconhecido pelos adjetivos “grande” e “louvável” no campo acadêmico. Sua vasta gama de habilidades e áreas em que obteve sucesso é impressionante: filólogo, lexicógrafo, professor, tradutor, crítico literário, diplomata e político. Por um período,

ele também ocupou o cargo de ministro da cultura no governo Itamar Franco e uma cadeira na Academia Brasileira de Letras¹⁸ (PETRILÁK, 2022).

Ocasionalmente um oficial da StB, que estava trabalhando no Brasil sob cobertura diplomática, chegou até esse intelectual brasileiro. Na verdade, o oficial inicialmente se interessou pela esposa de Houaiss, Ruth Sales Houaiss, durante os preparativos para sua missão no Brasil. Um dos funcionários da inteligência em Praga, antes de viajar para o Rio de Janeiro, incluiu a Sra. Ruth na lista de pessoas que valiam a pena ser observadas de perto, para ver se poderiam ser "trabalhadas" (PETRILÁK, 2022). A esposa de Houaiss foi indicada pelo embaixador tchecoslovaco no Brasil

(...) porque ela havia publicado uma tradução de um romance tcheco do século XIX, *A avó*, e estava trabalhando em outro, *O bom soldado Svejk*. A inclinação de Ruth a cultura Tcheca fez com que o Embaixador a mencionasse em conversas na embaixada com funcionários da inteligência. Ruth tinha atitude positiva em relação a cultura tcheca e pertencia a importantes círculos intelectuais no Rio de Janeiro (PRETRILÁK, 2022, p. 31).

De tal forma, o primeiro contato com a esposa de Houaiss só foi possível em 10 de setembro de 1959. Devido às pressões da central de inteligência em Praga, o oficial condutor da StB não pôde fazer contato anteriormente porque, naquela época, o marido da figurante estava se recuperando de uma operação de úlcera péptica, o que demandou uma longa convalescença. A esposa estava cuidando dele e, portanto, não recebia nenhum hóspede desconhecido (PETRILÁK, 2022).

O primeiro encontro ocorreu quando o oficial da inteligência se aproximou sob o pretexto de traduzir livros tchecos e os convidou para seu apartamento. A atmosfera desse encontro foi amigável, até cordial, possibilitando a realização de outros encontros. O oficial tchecoslovaco descreveu-a como uma mulher de quarenta anos, sem filhos, que gostava de conversar sobre diversos assuntos, mas que, na realidade, possuía um conhecimento mais aprofundado em literatura. Essa observação desqualificou Ruth para o "trabalho" de espionagem, fazendo com que o foco do espião de Praga se voltasse para o marido da figurante (PETRILÁK, 2022).

¹⁸Biografia de Antonio Houaiss. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/antonio-houaiss/biografia>. Acesso em: 26 de julho de 2023.

Segundo a nota escrita pelo oficial condutor, o marido de Ruth era um funcionário do Itamaraty que estava "emprestado" ao Catete (o palácio presidencial) – mais especificamente, no Serviço de Documentação da Presidência da República. Quando o oficial tcheco soube, por meio do próprio Antonio Houaiss, sobre as atividades da célula presidencial, ele teve certeza de que seu interlocutor era a pessoa ideal para ser "trabalhada". A principal tarefa dessa célula era catalogar documentos governamentais (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017; PETRILÁK, 2022).

A aproximação ocorrida com a esposa de Houaiss demonstra o que já foi mencionando no que tange a aproximação de parentes para se chegar ao alvo desejado, um alto funcionário do Governo Federal brasileiro. Além disso, Antonio Houaiss era um intelectual reconhecido pela comunidade acadêmica, logo sua opinião poderiam ser manipulada dando a desinformação uma fonte idônea. Outrossim, poderia fornecer informações governamentais que poderiam ser usadas pela StB.

Como resultado do recrutamento e do trabalho de desenvolvimento do relacionamento com Houaiss, o oficial condutor conseguiu obter informações sobre o encontro entre JK e o presidente americano. Embora o encontro não fosse secreto, JK estava desconfortável e insatisfeito por não ter conhecimento das políticas para a América Latina do presidente americano (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017; PETRILÁK, 2022).

Devido aos encorajamentos a desenvolver relacionamentos quase íntimos com os colaboradores que recrutam, os oficiais de inteligência chamavam essa abordagem de "amizade". Claramente, os funcionários tchecoslovacos da inteligência trabalhavam com uma munção ideológica, marcando seu trabalho com slogans sobre a luta contra o imperialismo, a exploração, o colonialismo, entre outros temas. No entanto, sem predisposições psicológicas, sem esse encanto pessoal e certa habilidade cativante, poucos estariam dispostos a se envolver no serviço de inteligência. Portanto, o oficial de inteligência precisava possuir tais características, com as quais pudesse conquistar e atrair outras pessoas (PETRILÁK, 2022).

Logo, o oficial condutor de Houaiss, sem dúvida, possuía essa habilidade, e uma prova de sua eficácia pode ser encontrada no informe de seu residente chefe, datado de 29 de junho de 1960. Nesse relatório, mencionava-se que o funcionário da *rezidentura*, condutor de Houaiss, conversou com o figurante em questão, em 20 de junho de 1960, durante a qual Houaiss concordou que suas mensagens seriam repassadas às autoridades do governo da Tchecoslováquia. Isso mostra o sucesso do oficial condutor em estabelecer uma relação de

confiança e cooperação com Houaiss, o que permitiu a obtenção de informações desejadas (PETRILÁK, 2022).

Dessa maneira o recrutamento foi consolidado com o total comprometimento do figurante, em 3 de março de 1960, com um encontro no "Largo do Machado" entre oficial condutor e Houaiss. Lá, ocorreu uma entrega de materiais, chamado "relatorium", sobre o qual Houaiss mencionou que se tratavam de materiais sigilosos. Em outras palavras, o figurante que estava sendo "trabalhado" e quase se tornando um agente, participou de um encontro possivelmente breve. Em 7 de janeiro, partiu de navio para Nova York, dando início ao seu compromisso como colaborador do serviço de inteligência tchecoslovaco (PETRILÁK, 2022).

Em outras palavras, esse encontro ocorreu em algum lugar do parque, de maneira discreta, para evitar chamar muita atenção. Durante esse encontro, ele entregou documentos ao "diplomata" tchecoslovaco e rapidamente deixou o local. Os documentos entregues continham uma lista de diplomatas brasileiros que trabalhavam na ONU, bem como informações sobre um grupo de estudos responsável por elaborar as posições brasileiras discutidas nas sessões da organização, entre outros assuntos (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Por consequência, Houaiss concordou em fornecer informações a StB, considerando isso como uma parte da luta contra o imperialismo (PETRILÁK, 2022). O recrutamento com base ideológica fica evidente. Não foi necessário nenhum tipo de premiação ou pagamento a Houaiss para fornecer informações.

Outro exemplo de colaborador brasileiro, Wilson Alves de Souza, foi recrutado em Praga pela contrainteligência da StB e posteriormente assumido pelo serviço de inteligência. Ele era uma figura importante para o serviço secreto, embora praticamente desconhecido no Brasil. Souza foi monitorado não apenas pela inteligência tchecoslovaca, mas também pela KGB, devido ao seu papel como agente. Sua colaboração foi valiosa para obter informações políticas e ele se mostrou disposto a ajudar o regime tchecoslovaco (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Ao longo do tempo, Souza se tornou um agente comprometido, fornecendo informações sobre a embaixada brasileira e outras embaixadas devido ao seu acesso privilegiado como secretário-arquivista. Antes do seu recrutamento, Souza era apontado

como promíscuo, inclusive a StB considerava-o como amante do diplomata Fernando Nilo de Alvarenga¹⁹, embaixador brasileiro em Praga (PETRILÁK, 2022).

Devido, a proximidade com o diplomata Alvarenga, Souza conseguiu obter informações e documentos sobre tarefas governamentais brasileiras. Além disso, ele teve contato com secretários de outras embaixadas, incluindo uma secretária italiana chamada Antonieta, com quem teve um caso, que também forneceu informações para o StB através de Souza. Apesar de ser discreto e ocupar uma posição subordinada, Souza demonstrou ser um colaborador valioso para a inteligência, superando até mesmo pessoas em posições mais altas na política e burocracia estatal (PETRILÁK, 2022).

Enfim, recrutamento de Wilson Alves de Souza exemplifica a questão de cooptar funcionário público para fornecer informações. A pesquisa para esse trabalho não menciona Souza figurando em operações de desinformação, contudo o trabalho com ele poderia continuar até se tornar agente para realizar desinformação visando influenciar decisor, o diplomata Alvarenga. Contudo, para o StB, uma operação de desinformação seria melhor conduzida por um jornalista-agente, conforme mencionado no capítulo três.

Outrossim, dado em um relatório da Central datado de 4 de março de 1960, o oficial condutor de Houaiss, agora com outra tarefa, fez uma avaliação do figurante Hermano de Deus Nobre Alves (1927-2010), um jornalista que se mostrou contrário à revolução de 1964, mas permaneceu no Brasil, publicando artigos e se tornando deputado federal pelo MDB. O oficial da StB reconheceu que Hermano possuía uma extensa rede de contatos, tornando-o capaz de fornecer "informações valiosas" (PETRILÁK, 2022).

Além disso, sua posição proeminente no Jornal do Brasil o tornava um candidato tentador para operações de desinformação, como um jornalista-agente, dada a sua influência na mídia. No entanto, o oficial também mencionou algumas deficiências desse contato, como a falta de regularidade nos encontros e sua recusa decidida em aceitar qualquer tipo de gratificação financeira (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Nesse ínterim, no dia 21 de fevereiro de 1961, Hermano forneceu informações sobre alguns novos membros do governo. Essas informações foram compartilhadas com o departamento de análises da StB e entregues aos "amigos", ou seja, a KGB. Como recompensa

¹⁹ O diplomata Fernando Nilo Alvarenga foi embaixador do Brasil na República da Tchecoslováquia entre 1960 e 1961, durante o Governo de Juscelino Kubitschek. Disponível em: <https://adb.org.br/wp-content/uploads/pdf/revista-adb-5.pdf>. Acesso em 04 de agosto de 2023.

por sua colaboração, o figurante recebeu quatro garrafas de uísque e foi solicitado a fornecer mais informações semelhantes, desta vez sobre as frações e partidos no parlamento brasileiro. O jornalista prontamente concordou (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017). Hermano entrava no modelo de recrutamento fornecendo informações mediante premiação.

Conforme o recrutamento de jornalistas se desenvolvia, os soviéticos solicitaram à *rezidentura* tchecoslovaca no Brasil que conseguisse a divulgação na imprensa de textos contendo certas teses. Para essa operação, utilizaram o agente Robert Plassing, jornalista que escrevia em jornais de grande circulação no Brasil - Última Hora, Diário Carioca e O Estado de São Paulo. Ele foi recrutado em dezembro de 1960 e inseria nas suas matérias para o jornal Última Hora narrativas fornecidas por seu oficial condutor, que, por sua vez, as recebia da Central, que as obtinha do conselheiro soviético em Praga (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017). A princípio as narrativas estavam relacionadas ao encontro entre Khrushchov e Kennedy em Viena, em 3 de junho de 1961. Essa tarefa foi cumprida com sucesso (PETRILÁK, 2022).

Em uma operação parecida, conhecida como "Don", o juiz do Tribunal de Justiça da Guanabara, Osny Duarte Pereira, que possuía ligações com a imprensa, foi utilizado como figurante. No entanto, o contato com ele foi interrompido devido às suas ligações com o Partido Comunista do Brasil em 1963 (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Tanto o Juiz Osny Duarte Pereira, quanto Robert Plassing e Hermano de Deus Nobre Alves, demonstram a intenção da StB em aplicar ações de desinformação através do canal de maior amplitude na época, o jornal. Não existia internet nas décadas de 1950 e 1960, portanto o meio jornalístico era o preferido, não só pela sua amplitude, mas também pelo registro histórico, diferentemente do canal radiofônico.

Durante nossas pesquisas, identificamos diversos agentes e figurantes que colaboraram com o serviço de inteligência checoslovaco, além da maioria dos oficiais de carreira do I Departamento do Ministério do Interior da Tchecoslováquia que atuaram no Brasil sob cobertura diplomática nas décadas de 1950 e 1960. Podemos mencionar os colaboradores políticos para mostrar a capilaridade da StB no círculo de poder do Governo Federal: como exemplo o assessor de Jango, Raul Francisco Ryff; o Deputado do PTB do Amazonas, Almino Afonso; o também Deputado e Ministro das Relações Exteriores de Jango, Francisco Clementino San Tiago Dantas (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Todos esses indivíduos eram considerados soldados da frente secreta e suas ações apoiavam o bloco oriental enquanto lutavam contra o bloco ocidental. Em outras palavras,

eles atuavam ao lado do regime totalitário em oposição a um mundo que defendia os princípios da democracia e liberdade.

4.2 OPERAÇÕES DA STB NO BRASIL

Conforme apresentado no capítulo três deste trabalho, os propósitos da StB era prejudicar os EUA e ampliar a influência do bloco soviético. O Brasil foi um país onde a StB atuou e deflagrou OAs. Tal ideia é passada por Anne Applebaum (2017) onde os bolcheviques não estavam dispostos a esperar passivamente pelo início das revoluções. Como vanguarda revolucionária, planejavam instigar agitações sociais por meio de propaganda, desinformação, estratégias e até mesmo ações de guerra e insurgências. Em 1919, criaram a Internacional Comunista, também conhecida como *Comintern*, cujo objetivo oficial era promover a derrubada dos regimes capitalistas de acordo com os princípios leninistas.

Como o Brasil era um país sobre a influência do bloco capitalista, passou a ser interesse do bloco soviético. Assim, a primeira desinformação pesquisada foi a qual os EUA estavam envolvidos com os acontecimentos de março de 1964. A persistente insistência nesta tese explica o ensurdecido silêncio com que a imprensa e o establishment bem-pensante reagiram à revelação do ex-chefe da KGB no Brasil, Ladislav Bittman (2019), de que a própria espionagem soviética inventou essa mesma tese por meio de um documento falso enviado a todos os jornais na ocasião (BITTMAN, 2019; KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Quando o general Mourão partiu de Minas Gerais com suas tropas, ninguém no Congresso, ansioso para se livrar do incômodo presidente Goulart, tinha a menor ideia de que alguma iniciativa militar estava em andamento. Longe de conspirar para um golpe, os estadunidenses estavam, na verdade, considerando uma alternativa parlamentar à intervenção militar. Muitos jornais do país usaram como prova da cumplicidade estadunidense no golpe a gravação de uma conversa telefônica entre o embaixador dos EUA no Brasil, Lincoln Gordon, e o presidente dos EUA, Lyndon Johnson, na qual Gordon pedia ação para evitar uma guerra civil iminente no Brasil (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

No entanto, para que essa prova funcionasse, alguns detalhes importantes deveriam ser ignorados: primeiro, a conversa ocorreu no próprio dia 31 de março, quando os tanques do general Mourão já estavam nas ruas e João Goulart estava prestes a deixar o país. Logo

não foi uma participação em planos conspiratórios, mas uma reação de emergência a um fato consumado (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

A saber, o segundo detalhe seria a frota estadunidense, a qual estava programada para chegar aos portos brasileiros somente em 11 de abril. Ciente que não havia mais a ameaça de guerra civil, a frota retornou aos EUA sem sequer se aproximar da costa brasileira. O Embaixador Gordon cogitou cancelar a operação “Brother Sam” em 2 de abril. “Na noite de 3 de abril, uma ordem dos Chefes Conjuntos do Estado-Maior cancelou o transporte aéreo e o apoio de aviões de caças e petroleiros para o projeto de armas e munições da operação “Brother Sam”” (PARKER, 1977, p. 116). A operação naval teve início e fim sem que os Estados Unidos tivessem participação militar na derrubada de Goulart

Ainda de acordo com Parker (1977), o terceiro detalhe sobre a desinformação se concentra nas tropas enviadas, pois não seriam suficientes para ocupar a cidade do Rio de Janeiro, muito menos para se espalhar por todo o país onde houvesse resistência pró-Jango e dar vitória aos golpistas. O foco da resistência ao golpe foi no Rio Grande do Sul, onde Goulart e Leonel Brizola possuíam mais influência. No dia 01 de abril, Gordon informou ao Subsecretário de Estado Americano, George Ball, que o apoio militar e a demonstração de Força Naval por parte dos EUA era desnecessária devido à vitória das “forças democráticas”.

Além da gravação supostamente forjada ou tirada do contexto, Bittman (2019) menciona a produção de documentos falsos. No Brasil o uso de documentos falsos se operacionalizaram na OA TORO. Um desses documentos fala sobre a política externa dos Estados Unidos. Após o assassinato do presidente estadunidense John Kennedy²⁰, um documento falso afirmou que Thomas Mann²¹ mudaria sua postura quanto aos países da América Latina.

Logo esse documento foi distribuído para alguns parlamentares colaboradores com a StB. Assim, em 2 de março de 1964, o deputado Guerreiro Ramos, representante do PTB, fez um discurso no parlamento abordando a suposta nova política de Thomas Mann, na qual os EUA teriam retornado à linha dura de Dulles²², após a morte do Presidente Kennedy. No

²⁰John Fitzgerald Kennedy (1917 – 1963), conhecido também pelas iniciais do seu nome JFK, foi um político americano que serviu como Presidente dos Estados Unidos de 1961 a 1963, quando foi assassinado.

²¹Thomas Clifton Mann (1912 – 1999) foi um diplomata americano especializado em assuntos latino-americanos. Ele entrou no Departamento de Estado dos EUA em 1942 e rapidamente subiu na hierarquia para se tornar uma figura influente do establishment.

²² John Foster Dulles (1888 – 1959) foi um político americano, secretário de Estado dos Estados Unidos.

entanto, mais tarde, Ramos reconheceu seu erro e explicou que a declaração atribuída a Mann era falsa. Em 3 de março, o embaixador dos EUA no Rio de Janeiro desmentiu oficialmente essas informações (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017; BITTMAN, 2019).

Conforme os objetivos da StB no Brasil e os métodos de desinformação, as duas operações mencionadas acima, a primeira sobre a participação dos EUA nos acontecimentos de março de 1964 e uma mudança na política externa estadunidense, se enquadram no objetivo de prejudicar os EUA, bem como utiliza de fontes com amplitude, como jornais, e de grande influência, como o Deputado Guerreiro Ramos. Dessa forma, a OA TORO possuiu avaliação positiva frente as autoridades de Moscou e Praga (BITTMAN, 2019).

Não só documentos falsos eram usados para desinformação, mas os intelectuais eram úteis para dar sustentação e credibilidade a desinformação. A utilização desse grupo fornece, inclusive, um registro histórico difícil de ser quebrado, pois está envelopado de metodologia e ciência. Logo, a informação ou conhecimento produzido pelo intelectual necessita de refutação no mesmo campo.

Por exemplo, Dreifuss (1981) afirma que o exemplo clássico de operação de desinformação no Brasil proporcionada pelos EUA, era a publicação regular de "O Gorila"²³, periódico distribuída dentro das Forças Armadas, afirmava Dreifuss mesmo com o nome controverso do periódico. Em uma das edições, após apresentarem os dogmas básicos do marxismo, os autores cometeram comentavam que o programa comunista parecia ser bom. Contudo, essa abordagem não passava de isca, pois "por trás da aparente beleza, estavam os assassinatos em massa, a abolição da dignidade, os campos de trabalho forçado, a rejeição de toda noção de liberdade e fraternidade" (DREIFUSS, 1981, p.236).

Conquanto, Alexander Solzhenitsyn (1976), em sua obra Arquipélago Gulag, discorda de Dreifuss (1981), onde o primeiro vivenciou a crueldade do regime stalinista como prisioneiro em um dos inúmeros campos de trabalho forçado na Sibéria. Ele diagnosticou a presença de uma profunda falta de sentido e agonia que corroía o senso de justiça imposto pelo sistema vigente. As pessoas, muitas presas por opiniões políticas, dormiam sem saber se

²³ O gorila seria uma síntese de brutalidade e estupidez, ou seja, o bicho seria tão forte quanto burro. E essa é uma imagem corrente no pensamento progressista e de esquerda, a percepção de que à direita encontram-se as forças do atraso, da ignorância e da repressão. O gorila passou a representar o conjunto das forças de direita, mas, em sua formulação original, tratava-se de referência específica aos militares direitistas, considerados golpistas inveterados. A caricatura começou a ser usada no Brasil após 1962 (MOTTA, 2007).

acordariam em liberdade e reconheciam que, uma vez dentro daquelas inúmeras ilhas, a probabilidade de retornar à liberdade era praticamente nula. Estimasse que 18 milhões de pessoas passaram pelos Gulag com uma estimativa conservadora de 1,7 milhões de mortes (SOLZHENITSYN, 1976).

Ou seja, Dreifuss (1981) sugere que a prática de campo de trabalhos forçados, abolição da liberdade política e dignidade, relatados por Solzhenitsyn (1976), não estavam presentes nos regimes marxistas, sugerindo inclusive que o periódico era uma desinformação americana fruto de Operações Psicológicas proporcionada pelas elites brasileiras (DREIFUSS, 1981)

Conforme a negação da verdade descrita acima, mencionamos outra operação secreta, a OA DRUZBA. O objetivo dessa operação era criar um movimento permanente e organizado em prol da defesa da revolução cubana na América Latina. Para isso, um comitê de preparação da Frente Nacional de Apoio à Cuba (FNAC) foi inicialmente nomeado, seguido por congressos convocados para esse propósito. No congresso convocado, a fundação da nova organização, sob a liderança do General Luiz Gonzaga de Oliveira Leite, foi anunciada, cumprindo o desejo de Moscou (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Contudo, a operação envolveu não apenas *rezidenturas* da América Latina, mas também da Ásia e África. O chefe do serviço de inteligência de Praga destacou a importância do evento, afirmando que o governo estadunidense estava alarmado ao ponto de pressionar autoridades brasileiras para freá-lo. Os convidados de fora do continente americano enfrentaram dificuldades para chegar, pois o Itamaraty recebeu recomendações para atrasar o processo de visto ou mesmo negá-los. Como resultado, apenas delegados de 11 países compareceram ao evento em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, totalizando mais de 3 mil participantes. Na cerimônia de abertura, 42 deputados do Congresso Nacional, incluindo 8 da UDN, estiveram presentes (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Posteriormente a *rezidentura* da StB enviou um relatório a Praga, com visível satisfação, informando que "nos últimos dias do evento, Lacerda esteve à beira de uma crise nervosa". Relatórios de diversas *rezidenturas* ao redor do mundo elogiaram a organização do congresso. O evento foi mencionado no New York Times e mídias internacionais também escreveram sobre a FNAC ou, pelo menos, a mencionaram (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

A OA DRUZBA e o periódico "O Gorila" mostraram o poder da desinformação em negar a realidade e conseguir inúmeros adeptos e crentes daquela informação falsa passada. No caso da DRUZBA, o número de participantes do congresso e sua relevância quanto a

participação de Deputados denota a amplitude que a StB pretendia para atacar os EUA, bem como atende os critérios de avaliação positiva elencados pela KGB. Já o caso do periódico no âmbito militar, registra claramente o pensamento de intelectuais dispostos a defender suas crenças ideológicas.

Finalmente, adentramos no mundo das operações relatando o controle da StB sob o periódico progressista O Semanário. Em 26 de setembro de 1961, a StB informou aos soviéticos em uma nota que o jornal O Semanário havia interrompido sua circulação devido a problemas financeiros. Isso despertou preocupação nos círculos nacionalistas brasileiros, pois a interrupção significaria a perda da última imprensa nacionalista e do único jornal que abertamente se posicionava contra os EUA (PETRILÁK, 2022).

Diante dessa situação, os tchecoslovacos perguntaram aos soviéticos se estavam interessados em financiar o jornal, o que possibilitaria determinar a linha política do periódico e exercer influência sobre ele. Os tchecoslovacos afirmaram que possuíam contatos entre os jornalistas da publicação e poderiam satisfazer as expectativas soviéticas. Começa a OA STROJ, a qual seria o financiamento de jornal para uso em desinformação e propaganda (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

A fim de informar a relevância do jornal para Moscou, um documento da StB informava que o jornal já era utilizado desde 1960, através do contato DURAN, trata-se do juiz Osny Duarte Pereira, que não era membro da redação, mas como um conhecido nacionalista, podia publicar seus textos livremente no jornal. Além desse contato, o residente da StB mantinha há alguns anos contato oficial com Oswaldo Costa, diretor do jornal, que havia solicitado apoio financeiro para o periódico em 1959 (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

No entanto, naquela época, o I Departamento não tinha os recursos necessários para atender ao pedido de 800 dólares americanos por mês feito pelo diretor do jornal. A Central em Praga informou à *rezidentura* que os soviéticos não poderiam financiar jornais, e, portanto, era necessário saber que tipo de apoio seria necessário, pois o serviço de inteligência tchecoslovaco desejava continuar utilizando O Semanário para seus objetivos (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

Assim, em 1961, a StB conseguiu publicar três textos na imprensa brasileira relacionados ao atentado contra o nacionalista ucraniano Stepan Bandera²⁴. Os soviéticos

²⁴ Stepan Andriyovych Bandera foi um político ultranacionalista ucraniano, líder da Organização dos Nacionalistas Ucranianos e do seu braço armado, o Exército Insurreto Ucraniano. Ele colaborou com o Reich de Hitler.

manipularam a narrativa para se adequar aos seus interesses, buscando isentar a URSS da responsabilidade pelo assassinato. Essa ação mostra, mais uma vez, a conexão entre a StB e a KGB, revelando que o serviço de inteligência tchecoslovaco era uma extensão dos interesses comunistas soviéticos e promovia desinformação para a URSS (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

No entanto, existem opiniões divergentes sobre a natureza do jornal em questão. Segundo jornalista francês ligado a época ao O Semanário, Edouard Bailby, o jornal era independente e defendia os interesses do Brasil sem hesitação. A questão a ser levantada é se esse jornal era realmente "totalmente independente" ou se era utilizado como uma ferramenta pelos serviços de inteligência comunistas da Tchecoslováquia e da União Soviética para promover sua agenda (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

De fato, a Central em Praga tinha controle sobre a frequência de circulação do jornal. A *rezidentura* recebeu a informação de que o jornal seria publicado, "até segunda ordem", uma ou duas vezes por semana, em edições especiais dedicadas à questão de Cuba. Além disso, a Central determinava o conteúdo que deveria ser impresso, incluindo textos de apoio a Cuba, o que estava conforme as convicções do diretor (KRAENSKI e PETRILÁK, 2017).

No próximo capítulo, onde apresentaremos a conclusão, será realizada a elucidação dos fatos apresentados neste capítulo quatro de acordo com as definições apresentadas no capítulo dois e o modelo de desinformação apresentado no capítulo três, considerando a questão da pesquisa.

5 CONCLUSÃO

A questão que colocamos para presente pesquisa foi: Como a desinformação soviética no Brasil na década de 1950 e meados da década de 1960 impactou no 31 de março de 1964?

Para responder à questão de pesquisa selecionada, apresentamos primeiramente os conceitos de contrainteligência e desinformação. Vimos que o conceito de contrainteligência não se variou ao longo do tempo, considerando a obra *A Arte da Guerra*, de Maquiavel. Contudo, o conceito de desinformação sofreu significativas alterações. Primeiro, a desinformação clássica era usada para manipular as lideranças políticas de determinado

Estado, conforme as aldeias de Potemkin foram usadas para manipular o imaginário de Catarina, a Grande, na Rússia, por exemplo.

Outrossim, o conceito complementar de desinformação apresentado por Ion Mihai Pacepa coloca a opinião pública como alvo da desinformação. Assim, a desinformação procura disseminar informações depreciativas de forma credível, de modo a convencer a opinião pública que os alvos são verdadeiramente perniciosos.

Visando garantir a efetividade da desinformação, a imprensa era o canal de comunicação preferido dos soviéticos, já que possuía amplitude de difusão e registro histórico. Primeiramente, para garantir a credibilidade, são necessários dois elementos-chave. Fontes ocidentais, o que era suprido perfeitamente por jornalistas, políticos e outras autoridades, bem como o cerne de verdade da desinformação, o qual era moldado para fortalecer a narrativa soviética, utilizando de difusores com credibilidade, ou seja, o primeiro elemento-chave.

Já com a desinformação definida dentro do conceito de Pacepa, mostramos a estrutura da URSS para operacionalizar a desinformação. A KGB coordena e controla as atividades dos serviços secretos dos países satélites. Toda atividade precisa seguir as diretrizes irradiadas por Moscou, além das diretrizes dos Partidos Comunistas de cada país do bloco. Essa organização geral permitiu a KGB, e os países satélites, a estabelecer operações secretas de desinformação, tendo como principal alvo os EUA e seus aliados ocidentais, como o Brasil, principal país da América Latina.

Com o estabelecimento das operações de desinformação, a KGB precisava avaliar as mesmas. Assim, ela utilizou uma métrica para avaliar o sucesso da desinformação, considerando o volume de discussões públicas geradas e o impacto que ela causava nas decisões políticas do país-alvo.

Por consequência da proximidade entre Brasil e EUA, a URSS soviética conduziu operações secretas no Brasil utilizando-se da StB, serviço secreto da República da Tchecoslováquia. Inicialmente o estabelecimento da *rezidentura* na embaixada não foi difícil, pois o Brasil possuía relações diplomáticas com aquele país. A conjuntura política, ao passar dos anos, permitiu a consolidação da espionagem tchecoslovaca.

Assim, Praga, pode estabelecer sua diretriz e propósitos no Brasil, corroborando com a KGB no que tange o inimigo em comum. Além disso, possuíam como objetivo o gabinete

presidencial brasileiro, seguido pelo parlamento e pelo Ministério das Relações Exteriores, e depois a Confederação da Indústria e a polícia.

Logo, a *rezidentura* no Rio de Janeiro começa a recrutar seus colaboradores, categorizados conforme explanado no capítulo quatro. Os colaboradores são das mais variadas classes e funções. Vão de políticos, intelectuais, funcionários da diplomacia e, principalmente, jornalistas. Utilizam inclusive o termo jornalista-agente, para dar importância a tal tipo de colaborador.

Por conseguinte, as operações secretas poderiam se iniciar, pois já possuíam colaboradores. As narrativas ficavam a carga da imprensa, dando destaque ao jornal O Semanário. Seu editor foi um colaborador da StB. Logo uma das operações secretas procurou financiar este jornal, quando com dificuldades financeiras.

Já outra operação visou utilizar do jornal para fomentar um congresso a favor da revolução cubana. O sucesso foi enorme na avaliação da KGB. O número de delegados representantes ultrapassou as expectativas, considerando as dificuldades impostas pelas forças políticas não simpatizantes com a causa cubana.

A saber, os acontecimentos de 31 de março também passaram por desinformação, segundo a pesquisa. A imprensa na época do acontecido utilizou ligação entre o embaixador dos EUA e o presidente estadunidense, contudo uma possível operação para apaziguar os ânimos no Brasil foi cancelada antes de começar.

Assim, conclui-se que a desinformação da URSS soviética estava atuante no Brasil, contudo não existe informação suficiente para afirmar que as operações de desinformação desencadeadas pela StB foram relevantes ou aceleradoras dos acontecimentos do 31 de março de 1964, sugerindo assim mais pesquisa para o tema em questão.

Atualmente a desinformação evoluiu para acompanhar a tecnologia, principalmente a internet, pois ela não utiliza tanto a mídia impressa. Hoje a desinformação vem junto de imagens, ferramentas psicológicas e com velocidade.

Logo esperamos que a questão levantada possa auxiliar a Marinha do Brasil a estar preparada para essa possível ameaça, utilizando o passado como base de estudo e fomentando pesquisa para analisar as possíveis formas, canais e alvos da desinformação.

REFERÊNCIAS

AMBROSE, Stephen E. **O dia D, 6 de junho de 1944: a batalha culminante da Segunda Grande Guerra**. Rio de Janeiro – RJ. Bertrand Brasil Ltda, 2007.

APPLEBAUM, Anne. **Cortina de Ferro: 1944-1956 - o esfacelamento do Leste Europeu**. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

BERTELSEN, O. **Russian active measures : yesterday, today, tomorrow**. 2021. Disponível em <https://www.worldcat.org/pt/title/1237525630>. Acesso em 01 de julho de 2023.

BITTMAN, Ladislav. **A KGB e a Desinformação soviética: uma visão em primeira mão**; tradução de Victor Bruno – Campinas, SP: VIDE Editorial, 2019.

BRASIL. **Inteligência e Contrainteligência**. - Brasília: Abin, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/abin/pt-br/assuntos/inteligencia-e-contrainteligencia/CI>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

_____. **Doutrina Nacional da Atividade de Inteligência: fundamentos doutrinários**. - Brasília: Abin, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/abin/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/atividade-de-inteligencia-no-brasil-5>. Acesso em: 01 de agosto de 2023.

BRASIL. **Decreto nº 8.793, de 29 de junho de 2016**. Fixa a Política Nacional de Inteligência. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 de junho de 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8793.htm. Acesso em: 25 de junho de 2023.

DREIFUSS, R. Armand. **1964: A CONQUISTA DO ESTADO – Ação política, poder e golpe de classe**. Tradução de Else Ribeiro Pires Vieira – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1981.

FIGUEIREDO, M. Poppe de. **A revolução de 1964: um depoimento para história pátria**. Rio de Janeiro: APEC Editora S.A., 1979.

KRAENSKI, M.; PETRILÁK, V.. **1964: o elo perdido – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista** – Campinas, SP: VIDE Editorial, 2017.

LEWKOWICZ, N. **The United States, the Soviet Union and the geopolitical implications of the origins of the Cold War**, 2018.

MACHIAVELLI, Niccolò. **O Príncipe: com comentários de Napoleão Bonaparte / Nicolau Maquiavel**; tradução de Mônica Baña Álvares – Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

_____. **A arte da guerra / Nicolau Maquiavel**; tradução de Eugêncio Vinci de Moraes. Porto Alegre: L&PM, 2007.

MACHOVER, Jacobo. **La cara oculta del Che: desmistificación de um héroe romântico**. Barcelona. Espanha: Ed. Del Bronce. 2008.

MOTTA, R. P. S. **A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda**. 2007. UFMG. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8424994.pdf>. Acesso em: 04 de agosto de 2023.

PACEPA, I. M.; RYCHLAK, R. J. **Desinformação - Ex-chefe de espionagem revela estratégias secretas para solapar a liberdade, atacar a religião e promover o terrorismo**. 1. ed. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2015.

PARKER, R. Phyllis. **1964: O papel dos Estados Unidos no Golpe de Estado de 31 de Março**; tradução de Carlos Nayfeld – Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1977.

PIOZZI, P. **Vargas e Prestes: uma comparação entre o trabalhismo e o comunismo no Brasil** – Trans/Form/Ação. Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia, 1983. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/af220a60-c559-4ce4-af3f-b0b3a4e6523f>. Acesso em 24 de junho de 2023

PETRILÁK, Vladimír. **A traição invisível: Brasileiros nos arquivos do serviço secreto comunista**; Tradução de Mauro “Abranches” – Campinas, SP: VIDE Editorial, 2022.

SOLZHENITSYN, Alexander. **Arquipélago Gulag**. Tradução de Francisco A. Ferreira – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

TOPIK, S.; MARICHAL, C.; FRANK, Z. **From Silver to Cocaine: Latin American Commodity Chains and the Building of the World Economy, 1500-2000** – EUA. Duke University Press, 2006.

TZU, Sun. **A arte da guerra** / Sun Tzu; tradução de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2006.

VILLA, Marco Antonio. **Ditadura à Brasileira – 1964-1985: A democracia golpeada à esquerda e à direita**. São Paulo: LeYa, 2014.